

VALDETE APARECIDA XAVIER DE MACEDO

ENTRADA VOCABULAR NA LINGUAGEM VIRTUAL

ASSIS
2002

VALDETE APARECIDA XAVIER DE MACEDO

ENTRADA VOCABULAR NA LINGUAGEM VIRTUAL

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Filologia e Lingüística Portuguesa).

Orientadora: Dra. Antonieta Laface

ASSIS

2002

VALDETE APARECIDA XAVIER DE MACEDO

ENTRADA VOCABULAR NA LINGUAGEM VIRTUAL

BANCA EXAMINADORA
DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Presidente e Orientador: _____

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

Dados Curriculares de
Valdete Aparecida Xavier de Macedo

Nascimento: 23/ 11/ 1975

Naturalidade: Lucianópolis / SP

Filiação: Ercílio Xavier de Macedo

Nair Fonseca de Macedo

1993 – 1996: Curso de Graduação

Faculdade de Ciências e Letras – UNESP- Assis

1999: Titular de cargo de Professor de Educação Básica II

E. E. João Maringoni – Bauru / SP

2000: Professora contratada junto ao Departamento da Faculdade de Arquitetura, Artes e

Comunicação – UNESP – Bauru

2001: Professora contratada pela Faculdade de Filosofia e Letras e Faculdade de
Administração de Santa Cruz do Rio Pardo

Aos meus pais.

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível graças à colaboração direta e indireta de muitas pessoas. Manifestamos nossa gratidão a todas elas e de forma particular:

a Deus, que é fonte inesgotável de sabedoria,

aos meus pais, Ercílio e Nair, que me apoiaram em todos os momentos,

à professora Dra. Antonieta pela dedicação e atenção,

à amiga Adriana, pelo apoio nos momentos de desânimo,

ao Valdir pelo apoio e compreensão,

à tia Odete pelo carinho de sempre.

aos colegas que colaboram, através das entrevistas, Adriana, Claudinéia, Liliana, Jorge, Reginaldo, Valdir, Vanderli e outros.

*O fruto que hoje temos nas mãos é o que nos fazia sonhar.
Com muito trabalho e guardando a visão,
às vezes chorando, mas sempre com fé.
Valeu a pena esperar no Senhor, que mais uma vez foi fiel.*

(Cântico de Colheita – Carlos Gouveia e Edson Feitosa)

MACEDO, Valdete. A. X. *Entrada vocabular na linguagem virtual*. Assis, 2002. 75p. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis. 2002. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi o de fazer um estudo sobre a projeção do inglês, língua universal, sobre a portuguesa, considerando-se os empréstimos lexicais, porta de entrada para a configuração e enriquecimento vocabular da língua de chegada. Estes vocábulos são indicativos ao vocabulário da língua de especialidade, divulgados nos programas da Internet. Fizemos uma pequena reflexão sobre o fenômeno da linguagem virtual, que vem se cristalizando em discurso interativo de povos e nações colocadas frente a frente ao sistema de globalização. Pretendemos, neste relato, abordar resultados de uma pequena análise de textos recolhidos dos sites da Internet, permitindo transpor para o usuário uma comunicação interacional e de projeção rápida de informações que estão sempre à disposição dos grupos sociais. Essa interatividade, segundo nossos critérios de estudo, permitiu centrar duas questões. A primeira fazer o usuário tomar conhecimento dos acontecimentos informacionais no mundo frente ao sistema global. A segunda referente a individualização dos grupos sociais, em respeito às realidades específicas de sua história, de sua cultura.

Palavras chaves: Lexicologia, entradas lexicais, Língua Inglesa, Língua Portuguesa, Linguagem virtual, Internet.

MACEDO, Valdete. A. X. *Lexical Entrances in the virtual language*. Assis, 2002. 75p. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis. 2002. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

ABSTRACT

The objective of this work was to make a study on the projection of English, as universal language, over Portuguese, opening a research centered in the loan of words from English to Portuguese. These words are indicative of the vocabulary of the language of specialty, divulged in Internet programs. We have made a reflection upon the phenomenon of the virtual language, a language that is crystallizing in interactive speeches of peoples and nations, face to face to the globalization system. We intend, in this study, to approach results of small analysis of texts, collected from sites in the Internet, allowing transposing to the user an interactive communication of fast projection of information, always available for social groups. This interactivity, according to our criteria of study, allowed us to focus two issues. The first one is to make the user be aware of the informational events in the world face to global system. The second refers to the individualization of the social groups, in respect to the specific realities of its history and its culture.

Key-Words: Lexicology, Lexical entrances, English Language, Portuguese Language, virtual Language, Internet

SUMÁRIO

Resumo.....	09
Abstract.....	10
Introdução	11
Capítulo 1: Virtualidade e Linguagem	14
1.1 Importância da Linguagem.....	14
1.2 História do computador e da Internet....	21
Capítulo 2: Pressupostos teóricos da Lexicologia e da Terminologia.....	23
2.1 Léxico e Vocabulário.....	23
2.2 Terminologia e Informática	26
2.3 Os Neologismos	29
2.4 A tradução	33
Capítulo 3: Constituição do <i>corpus</i> e análise dos dados.....	37
3.1 Modelo Instrumental de Análise	37
3.2 Constituição do <i>corpus</i>	37
3.2.1 Levantamento de termos nos textos selecionados.....	37
3.2.2 Informantes.....	40
3.2.3 Organização dos termos em fichas terminológicas	42
3.3 Resultados Parciais	50
Capítulo 4: Considerações Finais.....	53
Bibliografia.....	55
Anexos.....	57
Anexo 1: Textos.....	57
Anexo 2: Questionário.....	73
Anexo 3: Ficha terminológica de Aubert.....	74

INTRODUÇÃO

A tecnologia atual tem facilitado a troca e a migração de idéias e informações, fazendo surgir o fenômeno da globalização econômica e cultural e eliminando progressivamente as diferenças físicas e temporais entre os povos.

Com fronteiras tão minimizadas, a tecnologia da globalização provocou mudanças de comportamento social e cultural e, em função da linguagem acentuou a entrada de vocábulos, principalmente os da língua inglesa.

Apresentamos pesquisa, centrada no estudo sobre a projeção do inglês, língua universal, sobre a portuguesa. Consideramos os empréstimos lexicais, porta de entrada para a configuração e enriquecimento vocabular da língua.

Para tanto, verificamos, neste trabalho, o tratamento dado ao vocabulário da Internet, sua estrutura e natureza, com base nos programas e nas páginas de sites, selecionados com textos temáticos da linguagem técnica do computador. Objetivamos buscar dados para a análise de termos, em uso na Internet, de forma a se dizer o que permanece ou o que se modifica, quando da entrada de vocábulos do inglês no português.

Nossos pressupostos situam-se na análise de termos da linguagem da área técnico-científica; estabelecidos os fatores que, neologicamente, permitem ajustes da língua de partida para a língua de chegada, que resultam traduzidos ou substituídos por termo equivalente, em que pese permanência e adequações no uso da linguagem da informática, incluindo-se a filiação gramatical.

As investigações decorrem das análises do vocabulário técnico da informática e da divulgação desse vocabulário, no espaço concreto de um grupo social. Para alcançar os objetivos, fizemos um levantamento de termos da informática, que aparecem em sites e textos da Internet.

Este trabalho torna-se relevante, porque reflete o fenômeno da linguagem virtual, ou seja, de uma linguagem que vem se cristalizando em discurso interativo de povos e de culturas, colocados frente a frente ao sistema de globalização.

Levantamos, dentro dos pressupostos teóricos e de uso da língua na comunidade social, dados para a elaboração de um “*corpus*” de análise de forma a possibilitar um estudo sobre a entrada de unidades léxicas do inglês no português. Buscamos definir situações de uso em contextos enunciativos que respondem pela dinâmica lexical.

Em relação à língua portuguesa, que molas propulsoras levam uma comunidade a inserir em seu sistema lexical, unidades vocabulares de outra comunidade? Os termos ou vocábulos que aparecem em língua inglesa estão sendo aos poucos substituídos ou adaptados para uso na língua portuguesa é procedente? O uso dos termos em inglês constituem um abuso ou apenas atende a necessidades de comunicação e interação?

Tecemos, no momento, considerações referentes aos aspectos lingüísticos, em relação à língua portuguesa, à entrada e permanência dos termos de origem inglesa, no nosso sistema lingüístico e devidas contribuições, para a construção lexical vocabular, ressaltando o papel da linguagem técnica.

A pesquisa posicionou-se no campo da Lexicologia e da Terminologia, com base na exposição teórica, adequada para análise dos neologismos, da distinção conceitual de estrangeirismos e empréstimos, da tradução, da globalização e da linguagem da Internet, pertinente à criação de um mundo virtual, e este em consonância com o mundo real.

Os textos utilizados para o levantamento e análise dos termos, em uso na linguagem técnica respondem pela dimensão informando-os de novas técnicas e de novos programas, tendo em vista a forma como a tecnologia da informática vem sendo divulgada na rede mundial de computadores. Desse modo, selecionamos dez textos da linguagem jornalística, encontrados em sites da Internet, voltados para a interação da tecnologia com as pessoas. Os *sites* são do jornal *on line* de “O Estado São Paulo” (www.oestado.com.br), no *link* Sociedade Virtual, escritos por Sílvio Meira e Michael Stanton.

O trabalho consta de introdução, contendo interesse pelo tema, objetivos, justificativa do tema, posição dos pressupostos teóricos e metodológicos, o conteúdo temático dos textos selecionados, informações sobre os informantes que contribuíram para a análise, os critérios usados e que levaram para o modelo de análise, como acabamos de definir.

No capítulo I, tratamos da língua e da linguagem, dimensionados no mundo virtual, linguagem virtual, linguagem que responde pela globalização. No capítulo II, apresentamos pressupostos teóricos a respeito do léxico, do vocabulário e do vocabulário técnico-científico, da terminologia e da questão da neologia e dos empréstimos lingüísticos, necessários para o encaminhamento das investigações, constituindo assim a fundamentação

teórica da pesquisa. No capítulo III, apresentamos o corpus constituído, junto com o Modelo Instrumental de Análise, análise dos dados, propriamente dita, contendo os resultados diagnosticados. No capítulo seguinte, Considerações Finais, apontamos a revisão dos objetivos propostos e alcançados. Seguem-se a Bibliografia e Anexos.

CAPÍTULO 1: VIRTUALIDADE E LINGUAGEM

1.1. Importância da linguagem

A compreensão do homem deve iniciar pela compreensão da sua própria linguagem, visto que ela, a linguagem, pode ser definida, segundo Coseriu (1982), como o primeiro surgir do humano e como abertura das possibilidades próprias do homem.

Como linguagem geral, a linguagem corresponde à primeira dimensão, à relação do homem com o próprio ser; como língua, corresponde ao mesmo tempo à relação com os demais homens, aos quais, precisamente por intermédio da própria linguagem, atribui à “humanidade” a capacidade de perguntar pelo ser e de interpretá-lo. (COSERIU, 1982, p. 30)

De acordo com Orlandi (2000), a linguagem não deve ser vista apenas como suporte do pensamento, nem como instrumento de comunicação, mas como interação, na perspectiva em que se define a relação necessária entre homem e realidade natural e social.

A comunicação depende das diferentes linguagens, para divulgar as informações, que são sistemas organizados de sinais criados pelo homem. Como o homem é um ser social, comunicação e sociedade relacionam-se intimamente: uma não existe sem a outra. Se, por um lado, uma língua só existe se houver uma comunidade que a utiliza, por outro lado, um agrupamento de pessoas só será uma comunidade, se tiver uma língua comum a todos que possibilite a comunicação das pessoas desse grupo. Graças ao “falar” a nossa consciência se une com o mundo e com o próximo.

Sociedade e linguagem manifestam-se pela palavra. A palavra é a base da comunicação humana. Constitui o centro de referência das linguagens. Produz a multiplicidade de realidades existentes, dado que o conceito de realidade se transforma com o desenvolvimento de sociedade e das diferentes culturas.

As condições sociais, políticas, econômicas, morais, religiosas, éticas, estéticas influem na posição ideológica, produzindo sentidos, que se dão pela palavra e é consequência da atitude sociocultural – fruto de uma concepção de vida, do reflexo e da representatividade do universo percebido pelo homem, traduzido pelas diferentes linguagens e estas, reveladas pelo discurso do usuário.

Os seres humanos não vivem unicamente no mundo objetivo, nem no mundo das atividades sociais, tal como se apresenta habitualmente, estão em grande parte condicionados pela língua particular que se tornou o meio de expressão de uma sociedade. (ROBIN,1977)

Desse modo, o conceito de linguagem dá-se pela atividade ou competência do homem para realizar coisas no mundo. O sujeito que a produz também é reproduzido por ela e, nela, acredita-se ser a fonte exclusiva de seu discurso. No entanto, o mito de que a linguagem seja a fonte de sentidos se desfaz, a partir do fato de que, para se obter sentidos, qualquer seqüência (de frases, palavras) deve pertencer a uma formação discursiva, que faz parte de uma formação ideológica, determinada por um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais, mas que se reportam a posições de classe em conflito.

Assim, considerando-se as condições sociais e históricas, os sentidos que um texto pode produzir, quer seja literário ou científico, resultam da relação que a linguagem possibilita através do léxico, e deste, que assume efetivo papel na produção de sentido.

Entre a linguagem e o léxico, definem-se as condições de um trabalho produtivo na história da humanidade, estabelecidas as formas de manifestação. Esse trabalho centra-se nos resultados de interação homem e mundo, homem e realidade social, homem e conhecimento.

O léxico, então, ocupa lugar na relação sujeito e linguagem, produzindo, circunstancialmente, coisas no mundo, onde o homem passa a ser o seu divulgador e criador.

O léxico de uma língua é como uma galáxia, vive em expansão permanente por incorporar as experiências pessoais e sociais. Na tensão indivíduo e sociedade, origina-se o léxico, conforme as necessidades. Indivíduo e sociedade refletem ideologias, transmitem fatos e acontecimentos, produzem história. (adapt. CARVALHO, 1989).

O léxico, atrelado ao processo de significação, vincula-se ao universo criado pelo homem, condiciona-se às diferentes competências (lingüística, comunicativa, discursiva, textual). A competência lexical ocupa espaço nas atividades discursivo-enunciativas e mobiliza relações dentro de uma linguagem, cada vez mais inovadora, diante de modelos dos sistemas ideológicos que dizem o fazer humano. Como disse Victor Hugo, no Prefácio de Cromwell (*apud*. CARVALHO, 1998), o espírito humano está sempre em marcha, ou melhor, em movimento e a língua, com ele.

Como exemplo dessa inovação, consideramos a questão da comunicação virtual, cuja linguagem (também dita virtual) se deu em face das revoluções tecnológicas com as quais estamos interagindo.

A utilização de uma nova técnica de comunicação, a comunicação virtual, surge como um novo modo de sociabilidade, propiciando novas percepções de mundo, de sentido e de imaginário.

Os tempos atuais têm sido caracterizados pela mudança cada vez mais rápida, no que diz respeito às técnicas, à aparelhagem industrial e doméstica e, inclusive, às relações interpessoais e aos costumes, muito mais visíveis agora.

As atividades humanas respondem pela rápida transformação do universo humano, atendendo às novas formas de interação que a Tecnologia da Informação está proporcionando: equipamentos, computadores, sistemas, redes de comunicação de dados, bases de dados gigantescas, enfim, um aparato tecnológico que acaba por disponibilizar às empresas, países, exércitos, governos, escolas, institutos diversos e indivíduos. O acesso à informação de que necessitam está cada vez mais barata, rápida, simples e organizada.

Como exemplo disto, no texto do *corpus* de análise, *Informação e governo federal* (em anexo, texto 5 página 62), está dito que o governo tem colocado à disposição software e sites (www.brasil.gov.br, www.planalto.gov.br, www.receita.fazenda.gov.br, como exemplos) para que os contribuintes e beneficiários possam ter acesso, de forma fácil e rápida, a informações oficiais referentes ao governo.

O crescente número de atividades, sustentadas por soluções tecnológicas altamente especializadas, cria um novo mundo, o Mundo Virtual. As pessoas, empresas, instituições diversas, escolas, governos criam novas formas de realizar suas atividades cotidianas e as organiza, em torno da virtualização dos relacionamentos humanos.

O mundo virtual é compreendido como o conjunto de todas as atividades existentes, que utilizam sistemas de informação dentro das mais sofisticadas tecnologias, a serviço da conexão de toda a sociedade, caracterizando-se, como redes de informação, de inteligência e de serviços.

Constatamos a existência de uma dificuldade, intrínseca à questão, em se definir com precisão as fronteiras entre os mundos Real e Virtual. Esta fronteira difusa que recria a realidade é responsável por mudanças profundas, no comportamento de toda a sociedade.

Ao observarmos a evolução de uma sociedade, um dos aspectos mais importantes, que são analisados, é a escala de valores dos indivíduos, pois cada membro da sociedade possui uma escala de valores, que deve condizer com os valores aceitos por todos do grupo, para que ele possa conviver plenamente inserido nesse grupo. Cria-se, assim, um modo de viver comum a todos os elementos desse grupo. Podemos dizer, então, que se está criando um modo de viver virtual.

O "*Modo de Viver Virtual*" (alusão, segundo o autor, ao American Way of Live) refere-se ao estilo de vida de uma sociedade cuja existência está completamente inserida e dependente de meios eletrônicos. A nossa sociedade foi obrigada a desenvolver seu "*Modo de Viver Virtual*" que pode ser claramente exemplificado a partir de algumas atividades básicas do cotidiano. Por exemplo, já é de consenso que se informar a respeito dos acontecimentos no mundo implica a utilização de grandes redes de comunicação mundiais, cuja atividade é captar a informação sobre os acontecimentos muitas vezes na fonte, disseminá-la através de redes de telecomunicação para as operadoras locais, que por sua vez a disponibiliza na língua falada na região de destino e então a retransmitem para os usuários finais, por meios eletrônicos ou não, como rádio, TV, Internet, FAX, Pager, jornais, revistas, painéis de mensagens variadas (PMV's) e outros. (ROSNAY, 1997).

O mundo virtual está em pleno estágio de desenvolvimento e os criadores deste novo cenário são os próprios cidadãos, envolvidos direta ou indiretamente com a aplicação ou divulgação da Tecnologia da Informação. Como toda caracterização do modo de viver de uma sociedade de determinada época, o "*Modo de Viver Virtual*" pressupõe que atitudes dos cidadãos se "adaptem" ou se "enquadrem" nas formas de se resolver problemas ou de viver atividades cotidianas, como as de ir à padaria, por exemplo, e, aquelas de realizar tarefas pela Internet ou efetuar matrículas escolares dos filhos pela rede. (referência aos textos de análise).

O mundo virtual não chega a competir com o mundo real, é apenas um mundo que representa outro, à semelhança da mente humana que representa internamente o mundo externo. O conhecimento de mundo, construído através de representações, torna necessária a interação entre as pessoas, para conversar e trocar idéias. Sem esse mundo representado, que é a base da linguagem, o homem não teria condições de existir como tal.

O mundo virtual dos bits simula o processo de representação do mundo em nossa mente. Podemos até afirmar que o software, o programa de computador, está para o hardware, o circuito integrado do equipamento, assim como a mente está para o cérebro. (REBOLLO, 1998).

Evidentemente, a infraestrutura tecnológica que propicia aos cidadãos, a inserção no mundo virtual, deve ser tão grande quanto a vontade destes, em não precisar possuir alta especialização técnica, para realizar suas atividades cotidianas, como, por exemplo, fazer compras de supermercado ou reservar entradas para o teatro.

Se para realizar atividades costumeiras do dia a dia, o usuário necessitar de conhecer profundamente o equipamento, os softwares e as soluções tecnológicas com os quais trabalha, ele fatalmente irá optar por continuar exercendo suas tarefas da maneira tradicional. Neste sentido, é que há um esforço crescente, por parte das empresas, em desenvolver a tecnologia da informação, no intuito de disponibilizar soluções extremamente sofisticadas, a serem utilizadas em situações cotidianas, porém com uma facilidade de interação, jamais conseguida em nenhuma outra época da evolução tecnológica da humanidade.

O texto *O povo está na rede* (anexo, texto 1, página 57), parte do *corpus* constituído, mostra que 5 % da população de classe média baixa utilizaram serviços da rede para tarefas cotidianas como matricular filhos na escola. Segundo o texto, as pessoas aderiram a essa idéia, porque não tiveram que fazer cursos especializados para isso, apenas apostaram em uma atividade que se tornou simples e rápida.

O texto demonstra, ainda, que o povo tem acreditado nas novas tecnologias e, por isso, tem confiado dados pessoais, colocando-os à disposição na Internet, porque ao fazerem inscrições e matrículas, não se importaram em deixar seus dados à disposição, numa “máquina”.

Ao se classificar os mundos como real e virtual, cria-se uma ruptura didática para se caracterizar, semelhantemente ao processo de colonização que ocorreu meio milênio atrás (porém numa nova fase da globalização), as transformações geradas para a criação de um "novo planeta" que possui novos territórios, novos povos, novas culturas, novas possibilidades de vida, de trabalho, de organização social, de interação, de estrutura econômica e de poder. ROSNAY, 1997).

E está claro, particularmente através dos textos de análise, que serão vistos adiante, como esse modo de viver virtual está envolvendo as pessoas e a sociedade de maneira geral e, conseqüentemente, alterando costumes, aderindo à cultura e à linguagem.

Muitas pessoas, de diferentes ocupações, interagem muito mais intensamente com colegas de outras cidades e até de outros países do que com o vizinho ao lado.

Neste contexto de profundas transformações da visão de mundo, onde assistimos ao aparecimento e ao crescimento das Tecnologias de Informação, a globalização cultural e comercial têm favorecido o desenvolvimento de recursos técnicos que facilitam a comunicação interlingüística a uma massa cada vez maior de profissionais, relacionados à informação e à comunicação.

É na tecnologia que parece estar o fator mais importante da globalização, principalmente pela fusão do computador com o satélite, facilitando as telecomunicações e transformando o mundo em comunidade digital. A tecnologia não só tornou possível o contato entre empresas de diferentes países, como também possibilitou a interação de milhões de indivíduos com milhões de outros indivíduos. Não apenas tornou a comunicação viável, mas, o que é mais importante, tornou-a economicamente viável.

Isso foi possível porque a tecnologia realizou a proeza de ter chegado ao bit, ao dígito binário, que é a unidade mínima de informação.

[Com a globalização] as possibilidades de comunicação e compreensão entre as pessoas se multiplicam.(...) É óbvio que a integração econômica promove a uniformidade em vez da diversidade (BAUDOT, 1997, p. 51).

Por globalização, podemos entender o conjunto de transformações na ordem política e econômica mundial que vem acontecendo nas últimas décadas.

O termo globalização começou a ser utilizado na década de 1980, para se referir a um novo e mais avançado estágio na interdependência de todos os povos e economias da superfície terrestre. (ARRUDA e PILETTI, 2000).

O momento atual, chamado de globalização, representa um novo degrau ou etapa desse processo secular de mundialização do capitalismo, um momento em que as economias nacionais estão se enfraquecendo, diante da maior importância do mercado global.

Na verdade, o termo globalização, no presente caso, está intimamente vinculado à já famosa expressão "aldeia global", no qual se pretende integrar todos os povos, usando como instrumento, os modernos meios de comunicação, disponíveis no universo de conhecimento.

É na cultura que vem ocorrendo a integração mundial, na medida em que parece estar o planeta ficando menor e que todos se conhecem; por isso, muitos falam em

aldeia global para se referir a essa condição de comunicação instantânea e de alcance planetário.

E não há dúvida de que a *Internet*, pelas suas características, tem uma correlação muito forte com o processo de globalização. É a globalização da informação. A globalização que, em todos os setores da atividade humana, abre um mercado quase inesgotável de trabalho e de conhecimento, para quem usa diariamente a Internet.

Está claro também que o processo de globalização tanto inclui como exclui países e pessoas, por isso pessoas que ainda não usam a Internet, vêem-se diante da necessidade de usá-la e de participar de todo esse processo tecnológico de comunicação.

Com a linguagem da Internet e com a da globalização, surge o conceito de espaço cibernético ou ciberespaço. O espaço virtual não é um espaço territorial concreto existente, mas um espaço, ou melhor, um ciberespaço possível de entrar e sair de qualquer lugar a qualquer momento, desde que interligado em rede.

O espaço cibernético é um terreno onde está funcionando a humanidade, hoje. É um novo espaço de interação humana que já tem uma importância enorme, sobretudo no plano econômico e científico e, certamente, essa importância vai ampliar-se e vai estender-se a vários outros campos, como por exemplo, na Pedagogia, Estética, Arte e Política. O espaço cibernético é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas e de todos os computadores. (LÉVY, 1996)

A virtualização, vista como emprego do imaginário, não é atual, pois o virtual pode se fazer presente, segundo Lévy (1996), desde a leitura ou criação de um livro, em um sonho, onde nosso imaginário ou o processo criativo esteja presente. Já a informática é um campo totalmente atual, que nos disponibiliza ferramentas totalmente novas, para criarmos uma linguagem virtual, cuja novidade é a rapidez de trocar informações: a interação, muitas vezes, é simultânea.

No processo histórico, a linguagem virtual dispensa o aqui e o agora e se estende, por vias eletrônicas da telefonia, dentro de uma aldeia global. Ela não se traduz em si mesma, traduz-se mediante a interlocução dialógica (multifônica), pois é capaz de alcançar interlocutores indefinidamente, proporcionando rapidez de informação, através de recurso, que se atualiza pela rede telefônica, instalada nos computadores.

Os primeiros provedores de acesso à rede mundial de conexão de usuários de computadores, denominada *Internet*¹, surgiram no Brasil a partir de 1995. O Brasil começava, então, a se conectar com o resto do mundo, por essa rede de computadores. Surgia uma nova comunidade em nosso meio social: a comunidade dos *internautas*, isto é, dos usuários da *Internet*. Hoje, mais de um milhão de pessoas no Brasil estão ligadas a essa rede mundial de conexão de computadores.

Começaram a surgir, também, a partir daí, um grande número de *softwares* de comunicação, desde as "salas" de "bate-papo", ou "*chats*" até o *ICQ*, em que milhares e milhares de pessoas comunicam-se diariamente de forma virtual, trocando mensagens, piadas, fofocas, receitas, confidências pessoais, etc., usando a língua escrita.

1.2 História do computador e da Internet

Antes de se apresentar tal como é hoje, o computador passou por algumas fases e, junto, a sua linguagem.

De início, a linguagem utilizada era feita em código absoluto. Logo depois, surgiu o computador eletro-mecânico, que funcionava à base de válvulas a vácuo e armazenava dados, através de cartão perfurado.

As primeiras linguagens de programação apareceram na década de 50, com a multiprogramação, memória através de semicondutores e discos magnéticos. Surgiram, também, os computadores pessoais com a possibilidade de conectar as máquinas a uma rede pública e privada, permitindo a troca de informações.

Na década de 70 surgiram a teleinformática, a Internet, a Inteligência Artificial, entre outras novidades. Em 1972² foi criado o primeiro *software*, permitindo o envio de *e-mail* entre computadores; em 1983 Willian Gibson introduziu o termo "*CyberSpace*" no seu romance "*Neuromancer*". O termo "surfear na rede" apareceu introduzido por Jean Polly, em 1992. No Brasil, a primeira conexão à Internet foi em 1991.

O número de internautas tende a aumentar com a Internet, cada vez mais se estendendo e popularizando. Junto com ela, milhões de endereços eletrônicos, com uma tendência quase que incontrolável de supremacia da língua inglesa, segundo as palavras de

¹ O termo *Internet* foi utilizado pela primeira vez pelo cientista da MCI Vinton Cerf ao descrever o protocolo TCP (Transmission Control Protocol) em 1974. Fonte: www.museudocomputador.com.br

² Disponível em < <http://museudocomputador.com.br> > . Acesso em 25 mar.2002

Arnaldo Niskier (no site Em Defesa da Língua Portuguesa³, “Internet e Língua Portuguesa”), perfeitamente justificada devido à tecnologia ter sido desenvolvida por país de língua inglesa e que, atualmente, responde pelo processo de globalização de informações e culturas.

Através desses endereços, o usuário dispõe da facilidade de obter informações do mundo inteiro em poucas horas e com a facilidade de, em tempo bastante hábil, reconduzir e reorganizar constantemente seu próprio discurso.

Uma vez que uma informação pública se encontra no ciberespaço, ela está virtual e imediatamente à minha disposição. Torna-se possível, então, que comunidades dispersas possam comunicar-se por meio do compartilhamento de uma telememória na qual cada membro lê e escreve, qualquer que seja sua posição geográfica. (LÉVY, 1999).

Na dimensão do contexto e da situação de uso, surge uma questão dialética: “globalismo” versus “individualismo”, voltada para uma importação tecnológica de designações, contextualizadas no universo global e no universo particular, isto é, cultura e indivíduo, em que cada povo faz da linguagem virtual o discurso de seus interesses, crenças, visão de mundo, produção de conhecimento.

Essa dimensão permite que o indivíduo saia do contexto lingüístico do inglês e chegue à estrutura do português, numa forma de adaptação e adequação da cultura aos termos da linguagem virtual, como aconteceu na passagem de um verbo como ‘to delete’ em deletar, no português.

Neste sentido, aos poucos, a linguagem virtual vai se concretizando no espaço cultural, independentemente, da relação tempo e espaço.

A dialogia entre povos e nações cerca-se dessa linguagem virtual, para sustentar o circuito do eixo comunicativo e informacional, de forma a criar um universo transcultural.

De um lado, está a tecnologia do computador (importada), que organiza essa linguagem e, de outra, a divulgação de mensagens e de informações sobre fatos ocorridos no espaço global, inerente ao conjunto dialógico das culturas e a busca de uma mediação vocabular do inglês e do português.

³ NISKIER, A . Internet e língua portuguesa. *Defesa da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br>> Acesso em 05julho, 2002.

CAPÍTULO 2: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Léxico e Vocabulário

Pautando-se por uma linguagem que se prescreve no espaço cultural da Internet, torna-se necessário uma investigação que decorra de análises sobre o vocabulário técnico-científico da informática e a divulgação desse vocabulário no espaço concreto do grupo social, seja ele o grande universo de conhecimento ou pertencente a um pequeno grupo cultural.

Expressamente, nesse sentido, a linguagem conceitua-se pela atividade ou competência do homem, para realizar coisas no mundo, responde pelo fenômeno social e histórico; transmite conhecimento, promove a sua vulgarização, para ser trabalhada pela comunidade social.

No campo da informática, criam-se espaços nos sites computacionais, culminando em asserções de uma linguagem universal, de forma que o léxico venha a imprimir situações livres de contexto e sensíveis aos diferentes tipos de discursos e, em especial, o discurso de apropriação.

Entendido como uma das competências no processo neológico da linguagem, o léxico torna-se representativo de um sistema de possibilidades de realização. A palavra pauta-se pela norma e pela disponibilidade de se creditar sentidos ao ato discursivo. Atende, nesse aspecto, ao conjunto de realidades criadas; configura-se no discurso; responde pelas coisas criadas no universo de conhecimento.

O léxico é portador da cultura de um povo. A língua deve responder pela mobilidade de suas unidades na produção de sentidos no discurso. A cultura revela-se pelo saber partilhado de indivíduos que forma uma coletividade. Na cultura, as palavras respondem pela organização do universo humano, agenciando coisas e objetos, noções que os constituem, formas de ver o mundo. Respondem pelos valores de uso e pelas especificidades e designações. Abrem-se na dimensão da história e da cultura de um povo. (adapt. GALISSON, 1990).

A cada manifestação no ato discursivo, encontra-se a relação léxico e vocabulário, sendo que o léxico está reservado ao sistema lingüístico e o vocabulário aberto ao discurso.

O reconhecimento de uma palavra no discurso dá-se pelo reconhecimento de um referencial. A palavra denota o objeto, descrevendo-o, conforme disposição no ato comunicativo, cada palavra é percebida na sua totalidade, por fazer parte do léxico visual e conceptual do indivíduo. Uma palavra, como um todo, pode não pertencer ao léxico do indivíduo, mas esse indivíduo pode reconhecê-la pela decomposição de suas partes, identificadas pela natureza da língua a que pertence.

A velocidade e a frequência com que a palavra é reconhecida depende do registro no léxico do indivíduo, da frequência de uso e do ajustamento aos sentidos; do conhecimento de regras e das imposições sintáticas, semânticas e morfológicas; da capacidade de raciocínio do indivíduo para inferir dados.

São, na realidade, os usuários da língua – os falantes – os verdadeiros responsáveis pela evolução contínua do léxico. A língua é o patrimônio cultural de um povo e é esse mesmo povo quem cria padroniza o uso do vocabulário dessa língua.

O léxico é o resultado dialético de indivíduo e sociedade. Ao modificarem vocábulos e empregos no discurso, os usuários agem sobre o léxico, alterando as áreas de significado das palavras e de sua etimologia. O léxico liga-se diretamente à experiência de um mundo real, reflete a multiplicidade do real e constitui o estoque, o armazenamento de onde os falantes extraem as palavras, conforme as situações de uso. O vocabulário define-se como sendo um conjunto de vocábulos, representados em um número qualquer de vezes no texto.

A noção de vocabulário resulta da realidade de um texto. É acessível e definível, por isso, o conhecimento do texto é necessário e suficiente para determinar o vocabulário. Submetendo o vocabulário à análise, podemos obter indicações sobre o léxico, do qual o texto é atualização, porque depende das situações apresentadas para o processo de significação e da disponibilidade do sistema de lexias da língua.

O vocabulário é, pois, uma parte do léxico, um subconjunto desse conjunto. Os elementos desse subconjunto são chamados vocábulos e os elementos do conjunto são os lexemas. Já a unidade mínima do léxico é a lexia. De acordo com Pottier (1965/apud. Laface), lexema é o significante mínimo das designações; em outras palavras, o lexema é a atualização da palavra.

O vocábulo é o registro da norma e do uso, constituindo um conjunto de palavras que definem um campo léxico-semântico.

O vocabulário de uma área de conhecimento constitui-se no ponto de identificação dessa área e, no caso, a palavra será índice do comportamento social. (apud. LAFACE)⁴

O léxico específico de áreas científicas aparece dentro das noções de designação e de denominação do objeto de investigação, definido e descrito nessas áreas. Ao contrário do vocabulário geral, o vocabulário de especificidade caracteriza-se pela busca da precisão referencial, tendo-se como ponto de partida a metodologia, capaz de descrever conteúdos, referentes aos domínios de linguagem científica.

Os vocábulos Java, modem, software, por exemplo, são de áreas de domínio técnico, pertencentes à linguagem científica e por isso, constituem-se vocábulos de base monossêmica, servindo para designar um objeto ou elementos dessa técnica. Numa linguagem coloquial, os diversos empregos, circunstâncias e posição no universo cultural, abrem caminho para a produção de sentidos.

Na descrição do objeto de investigação científica, o léxico é determinado pela comunicação locucional de áreas de estudo, não implicando necessariamente homogeneidade cultural entre os participantes da comunidade.

A referência unívoca do objeto de análise resulta da estrutura da experiência significada, da necessidade de se definir cada coisa no mundo.

Java: define-se por uma linguagem criada pela empresa Sun que permite a integração entre os mais variados tipos de aparelhos (do computador aos eletrodomésticos).

Modem: aparelho que conecta o micro à linha telefônica

Software: termo em inglês para programa de computador

A delimitação de um léxico técnico ou científico dá-se conforme critérios de especificação de um certo domínio de experiência. Nesse aspecto, pode-se dizer que a terminologia pode ser encarada como “especificidade” da Lexicologia, uma vez que trata não de todas as palavras da língua, mas somente daquelas que constituem as linguagens especializadas, como no caso, a linguagem da Informática.

A diferença fundamental entre um texto da língua geral e outro de uma língua especializada está no uso dos termos específicos de determinada área, que lhe confere o caráter de especificidade, em distintos níveis de especialização.

⁴ LAFACE, A. Coletânea de textos da disciplina Lexicologia e ensino, oferecida pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis, em vias de publicação..

O vocabulário que serve para definir, relacionar ou conceituar termos técnicos, empregados em um determinado setor de atividade, visa ao estabelecimento de uma linguagem uniforme, com o uso de tendência monossêmica, denomina-se terminologia.

2.2 Terminologia e Informática

A terminologia científica e técnica são produto dos tempos atuais, considerando-se o aparecimento dos critérios científicos. Wüster (1930)⁵, cujos postulados têm desenvolvido diversas correntes e linhas de trabalho na documentação de informações e na criação de sistemas inteligentes, foi quem elaborou as bases teóricas e metodológicas da terminologia que, atualmente, deve ser considerada como ciência da linguagem de informação técnica e de especialidade.

De acordo com Auger⁶ (1993), para os especialistas, a terminologia constitui-se de vocabulário essencial de eficácia comunicativa, uma vez que os termos técnicos apresentam o menor erro na interpretação, sem ambigüidades. Constitui, também, uma das chaves do progresso, que permite ascender ao mundo da ciência e da tecnologia.

Para as pessoas comuns, ou seja, que não trabalham com as técnicas e línguas especiais, a terminologia, segundo o autor, não passa de um conjunto de termos especializados, dificultando a mobilização de informações, já que se constitui de uma língua elevada que só tem acesso quem a estuda e a compreende. Neste sentido, surge a preocupação de alguns especialistas para ‘vulgarizar’ a linguagem técnico-científica, tornando-a acessível ao público.

Na medida em que as pessoas vão se familiarizando e usando a tecnologia da informática, como partes de sua vida cotidiana, vão se utilizando dos termos técnico-científicos, a ponto de eles se tornarem parte de seu léxico e vocabulário.

É o caso, por exemplo, do uso do termo ‘*delete*’, aporuguesado em “deletar”, correspondente a ‘apagar’, ‘jogar fora’, ‘descartar’. Apesar de se poder contar com um dos sinônimos, as pessoas, na linguagem da informática, preferem usar mesmo o termo em inglês, havendo, assim, possibilidade da língua, em dispor a forma “deletar” para situações

⁵ LAFACE, A. Coletânea de textos da disciplina Lexicologia e ensino, oferecida pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis, em vias de publicação.

⁶idem.

da língua geral. Dizendo por exemplo, “deleta aí dessa sua cabeça tudo que acabei de te falar” (frase proferida por um estudante).

O objeto da terminologia, o termo, designa definições do objeto de conhecimento, a partir das noções e dos conceitos gerais que o determinam.

Todo conceito, então, permite apreender as propriedades de certo objeto de conhecimento, considerando-se as relações existentes entre esse objeto e a realidade de mundo, em especial, a realidade técnico-científica.

Assim, a noção de conceito responde por uma situação de uso, levando-se em conta os interlocutores, a temática, as finalidades e os recursos. De maneira geral, constituem um sistema, ou seja, definem-se uns com relação aos outros. Neste caso, o termo, visto como característica do conceito ou como conceito a ser definido, figura com ajustes no contexto e participa, ao mesmo tempo, como característica de uma certa definição.

Da noção e do conceito que se tem do objeto, consegue-se traçar a definição, explicitada pela mobilidade do pensamento aberto para o discurso e deste para as designações que levam a descrever certo objeto de conhecimento.

Entre o conceito e a definição, Sager⁷ (1982) afirma que o uso das definições deve se ajustar a um tipo de contexto, traçando-se este conceito no parâmetro lingüístico e referencial. Assim sendo, o termo designa a definição, a partir de um sistema de relações conceptuais. As definições situam-se na validade do conceito que um termo adquire, de forma a representar e a designar o universo de conhecimento.

A definição, entendida como processo, refere-se a um conjunto de conceitos, nos quais o significado de uma palavra pode ser conectado por uma representação e sustentado pela adequação de um contexto ou área de conhecimento, tendo por base, os princípios da classificação, da seleção e da relação de termos.

Para o terminólogo, o contexto não constitui mera ilustração de uma definição, inferida a partir de um grande número de contextos exaustivamente coligidos, e sim, o veículo dos traços semânticos característicos que permitem associar termo e conceito, em uma situação precisa. Define-se, desse modo, o objetivo da terminologia, que é o de organizar e harmonizar as noções ou conjuntos de noções dos domínios de conhecimentos. Através de procedimentos sistemáticos seleciona e cria termos para as noções, relacionando-

⁷ LAFACE, A. Coletânea de textos da disciplina Lexicologia e ensino, oferecida pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis, em vias de publicação.

os através de definições. Obtém-se desse modo, repertórios ou listas de termos especializados de um domínio particular, acompanhados de definições que remetem o termo ao seu referente.

Como ciência aplicada e interdisciplinar, a terminologia contribui para a normatização de informações, considerando os estados de permanência e mudança constante da sociedade e da língua. Ao longo dos últimos anos, tem-se ampliado a relação entre lingüística e informática, dando lugar a aplicações, cada vez mais complexas e diversificadas, como a utilização de dados lingüísticos, mera forma, sem exercer nenhuma manipulação (processadores de texto, sistemas de auto edição e correio eletrônico); sistemas automatizados, aplicados à informação e a línguas (dicionários automatizados, programas de redação e tradução); sistemas automáticos que manipulam dados lingüísticos, com a finalidade de analisá-los (analisadores, verificados) e, por último, os sistemas que se propõem a realizar atividades próprias do homem (programas de tradução).

O complexo conjunto de atividades de investigação e desenvolvimento das aplicações, obtidas com a relação entre lingüística e informática, configurou-se em um novo campo técnico-científico que, por parte de lingüistas, tem se chamado lingüística computacional e, para os informáticos, de informática lingüística.

No âmbito complexo das relações entre lingüística e informática, situa-se a inter-relação da ciência da computação com a da terminologia.

Numa sociedade contemporânea, dois são os elementos que melhor a descrevem: a informação e o desenvolvimento. Assim, é lógico deduzir que a materialização dos dois conceitos tem conduzido, de maneira inexorável, a necessidade de dispor do saber científico-técnico e da atividade especializada, de manter essa informação, permanentemente atualizada, no mundo em evolução constante.

2.3 OS NEOLOGISMOS

A linguagem é uma realidade cultural muito complexa e não é possível concebê-la sem significado, nem sem o constante diálogo. As línguas são técnicas dessa linguagem empregada por uma comunidade, que só alcançam realizações concretas graças aos seus falantes.

Numa língua, o essencial é sua energia, criação e recriação dinâmica por parte dos falantes, o que possibilita alterações constantes, pois ‘a língua move-se ao longo do tempo numa corrente que ela própria constrói em seu curso, já que nada é estático’⁸.

De acordo com Guilbert (1975), é pela natureza arbitrária do signo que toda língua evolui necessariamente.

“Uma língua não se fixa nunca (...), as línguas são como o mar, oscilam continuamente (...). É inútil querer petrificar a instável fisionomia de nosso idioma sob uma forma dada”. (Victor Hugo, Pref. De Cromwell/ apud CARVALHO, 1998).

O universo lexical de um indivíduo não é e não pode ser estável, pois está sujeito a mutações constantes como a própria língua viva. O falante constrói seu vocabulário, baseado em exigência de sua vida social, profissional, familiar.

A mudança lingüística é um fenômeno constante e responde pelas necessidades da comunidade dos falantes. O acervo lexical de todas as línguas renova-se visto que, enquanto palavras, deixam de ser utilizadas. Outras, em grande quantidade, são criadas pelos próprios falantes de determinada comunidade lingüística, dependendo das necessidades.

A criatividade humana, em todos os domínios, é a principal causa da expansão sempre crescente do sistema léxico da língua. Os termos novos criados no setor artístico, científico e tecnológico têm o objetivo de oferecer novos conceitos sobre o universo e, desse modo, acompanhar a evolução humana.

No mundo contemporâneo, segundo Biderman (1978), a ciência e a tecnologia têm sido os fatores principais que atuam na criação neológica. Visto que elas apresentam a necessidade de formarem um instrumental léxico para suas novas necessidades de expressão, elas contribuem tanto para a expressão do léxico nos domínios das línguas especiais, como da língua geral, pois ambas estão mudando continuamente nossas vidas.

As palavras que deixam de ser utilizadas são chamadas de arcaísmos, já as criações recentes são denominadas neologismos e o seu processo de criação de neologia.

O neologismo, uma vez criado, é lançado dentro da grande corrente vital da evolução da língua. Será incorporado a um campo semântico e começará a sofrer influxo de seus vizinhos de significação. A combinação léxica do discurso e a conotações estilísticas também imprimirão a ele matizes novos,

⁸ CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática. 1989.

ampliando o seu halo de significação. Passará assim, a fazer parte da semântica evolutiva da língua. Entretanto, nem sempre a vida de um neologismo é longa. Por vezes, é bem efêmera como costuma acontecer com as gírias. Ele se pode tornar duradouro quando dicionarizado.(...) O processo de dicionarização de um neologismo reflete a continuidade do seu uso no vocabulário geral. Ou seja, o vocábulo novo só é dicionarizado quando ele já foi aceito por toda a comunidade que fala aquela língua. (BIRDEMAN, 1978, p.166).

Birdeman (1978) define o neologismo, como sendo uma criação vocabular nova, incorporada à língua. Faz uma distinção entre neologismo conceptual e o neologismo formal. O neologismo conceptual refere-se a uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico⁹ de um significante qualquer, como sistema de informação. O neologismo formal refere-se a uma palavra nova introduzida no idioma, podendo ser uma unidade lexical vernácula ou um empréstimo estrangeiro, como *Internet, windows*.

Em relação ao neologismo e à neologia, Guilbert (1975), em seus postulados, afirma que o neologismo é um signo lingüístico com significante e significado; que a criação neológica não reside nela mesma, mas no modo de relação estabelecida entre seus elementos; que a criação do neologismo não pode estar associada ao discurso tido pelo criador – indivíduo integrado a uma comunidade, exprimido-se numa situação dada.

Os neologismos referem-se, portanto, ao uso de palavras de criação recente ou emprestada, dentro das condições de freqüência em determinado tempo, podendo se cristalizar ou desaparecer, conforme a necessidade de emprego, no campo social, cultural e tecnológico.

Na língua comum, os neologismos constituem unidades lexicais, isto é, as unidades do léxico geral da língua, enquanto na língua de especialidade ou tecnoletos, como são denominados, os neologismos constituem termos, que são elementos que integram uma terminologia.

É preciso saber que o ato criador, atrelado à circunstância técnico-científica, determina-se por cruzamento de áreas técnicas, abertas para a mobilização de informações conceptuais, caracterizadoras de conhecimentos específicos dessas áreas e de outras que a elas convergem. Por isso, a criação de um termo novo ou de uma nova definição terminológica, já existente, depende do grau de complexidade das pesquisas que são trabalhadas e das novas descobertas que as circundam.

⁹ Todos os significados de um significante (som), em oposição à onomasiologia, que seria todos os significantes de um mesmo significado.

A criação neológica pode ser classificada em:

a) neologia fonológica: composta por onomatopéias, abreviações, siglas. A neologia fonológica constitui na criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito.

b) neologia sintática: constitui-se de toda formação que se opera pela combinação de elementos pré-existentes na língua. Pode haver neologismos formados por derivação prefixal e sufixal e por composição.

c) neologia semântica: a mais usual ocorre quando há uma mudança no conjunto dos semas referentes a unidade léxica. Ocorre nos processos estilísticos como metáfora, metonímia.

d) neologia por empréstimos: passagem de uma unidade lexical de uma língua à outra inserindo-o no novo sistema lingüístico. Manifesta-se em diferentes níveis:

- estrangeirismo - a unidade lexical é sentida como sendo estrangeira, mantendo sua grafia original e não é usada com naturalidade;

- traduzido - é seguida por uma tradução ou de uma definição de seu significado;

- decalque - versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora: correio eletrônico;

- empréstimo - fase posterior ao estrangeirismo na qual a unidade lexical está adaptada ou não mais sentida como externa e integrada à língua que a acolheu: site, software. Há, então, um processo de aclimação à língua de chegada, isto é, a adaptação à língua receptora, que, segundo Alves (1984), é o que caracteriza o empréstimo e não a forma estrangeira em si.

O estrangeirismo que está sendo instalado é um verdadeiro neologismo e somente se tornará empréstimo quando não mais for sentido como estranho ao sistema da língua, mesmo que conserve a ortografia da língua de que procede. (GUILBERT, 1975).

Numa primeira etapa da adoção do termo de outra língua, o elemento estrangeiro é sentido como externo ao vernáculo e ainda não faz parte do acervo lexical do idioma. O estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura “alienígena”, externa à da língua enfocada. Nesse caso, imprime à mensagem a “cor local” do país ou da região estrangeira a que ele faz referência.

O estrangeirismo é facilmente encontrado em vocabulário técnico – esporte, economia, informática.

Ao empregar um estrangeirismo, o emissor é consciente de que ele poderá não ser interpretado pelos receptores do texto. Por essa razão, em muitos textos, a unidade léxica estrangeira é seguida de tradução ou, até mesmo, de uma definição do seu significado ou adaptação na língua de chegada.

A fase propriamente neológica do estrangeirismo ocorre quando está se integrando à língua receptora. Essa integração pode se manifestar através de adaptação gráfica, morfológica ou semântica.

A incorporação ortográfica e fonológica da unidade lexical estrangeira ao sistema do português não constitui uma regra. Observa-se que a forma integrada ao português, com certa frequência, chega a concorrer com o elemento grafado, de acordo com a língua de origem, como *e-mail /emeyow/*, *site /saiti/*.

Morfossintaticamente, a integração à língua portuguesa manifesta-se nos casos em que o estrangeirismo começa a formar derivados compostos, ou seja, a base da derivação está num lexema estrangeiro, como deletar.

Pode ocorrer, também, que os neologismos, os quais geralmente conservam a classe gramatical que possuíam na língua de que procedem, apresentem mudança de classe gramatical, como ocorre com o verbo *enter* em inglês, que aparece no português como um substantivo – dar um *enter*.

Os neologismos por empréstimos, então, distribuem-se entre a classe substantival e muito raramente entre adjetivos e verbos. Como, por exemplo, *e-mail* (substantivo); *chat* (verbo em inglês e substantivo em português).

Morfossintaticamente, ainda há a adaptação de gênero e número. Quanto ao gênero, a unidade léxica recebida por empréstimos tende a flexionar-se, de acordo com o gênero do idioma doador. Em inglês, não há flexão de gênero – gênero neutro. A língua portuguesa, ao incorporar as palavras do inglês, de gênero neutro, adapta-as ao seu sistema de flexão de gênero e número, concordando com o que for mais conveniente, como em *o winchester* ou *a winchester*.

Quanto à flexão de número, os estrangeirismos conservam a flexão da língua, que procedem. Os adaptados tendem a se flexionar, quanto à categoria, de acordo com as regras da morfologia portuguesa.

A adaptação semântica irá apresentar caráter monossêmico na língua de chegada, mas o emprego constante poderá levá-lo a casos de polissemia, salvo se o termo designativo se referir a área técnica-científica. *Log in*, em sentido literal, significa ‘acesso permitido’ já, na língua portuguesa, aparece com o sentido de ‘entrada no site, com a identificação do usuário’.

O emprego freqüente de um estrangeirismo constitui critério para que essa forma estrangeira seja considerada como parte do acervo lexical do português.

Os empréstimos passam ao domínio dos falantes comuns, através da imprensa, via de acesso mais corrente, passando a fazer parte do repertório cotidiano desses falantes. No caso dos empréstimos, na área da informática e, particularmente na Internet, outro meio para sua expansão e disseminação entre os falantes é a própria rede.

Atualmente, há uma tendência em adotar os termos em inglês, por três razões principais:

1. a evolução das técnicas - as novidades se sucedem em uma fração tão pequena de tempo que não se pode pensar em substituição;
2. a falta de tradução exata - os termos em português não se ajustam ao significado do termo inglês;
3. a facilidade da comunicação - o intercâmbio com técnicos de outras línguas é facilitado pelo uso do inglês.

Quando se importa uma novidade, o computador, por exemplo, automaticamente, importa-se a terminologia que inclui nome da novidade, dos serviços e das peças – literalmente ‘a máquina é acompanhada de sua linguagem’.

O mundo, as ciências, as técnicas e os costumes evoluem rapidamente; há urgência de nomear as novidades. Não se pode aguardar resultados de estudos prolongados, até porque as normas apenas consagram nomes já em uso.

Em resumo, os empréstimos lingüísticos de áreas diversas de conhecimento expandem-se no discurso terminológico, prevendo uma universalização, em que o termo de uma língua aparece adaptado em outra, para designar um mesmo objeto ou elemento desse objeto.

2.4 A TRADUÇÃO

Ao se pensar que uma língua é disponível para receber um termo de outra, a questão da tradução torna-se imprescindível e necessária. A troca parece ser o caminho mais viável. Procura-se, então, a tradução do novo termo, encarando essa tradução como substituição do termo de uma língua por outra.

Segundo Rodrigues (2000), tradicionalmente, é exatamente dessa forma que se vem concebendo a questão da tradução, como uma substituição, isto é, a tradução como transmissão do mesmo sentido ou da mesma forma de um original em outra língua. Atualmente, porém, há uma tendência em considerar que a tradução não transporta uma essência, não troca ou substitui significados dados, prontos em um texto, por significados equivalentes em outra língua. A tradução torna-se uma relação em que o texto original se dá por sua própria modificação, em sua transformação.

A tradução não pode, segundo Rodrigues (2000), transportar valores iguais aos do texto de partida, porque o processo da tradução transforma os valores.

Se a cultura não é fonte das representações, mas seu efeito; se a representação não domina nem oculta o referente, ela cria e interpreta esse referente, sem oferecer um acesso imediato a ele, o tradutor não lida com uma “fonte”, nem com uma “origem” fixa, mas constrói uma interpretação que, por sua vez, também vai ser movimento de desdobrar-se em outras interpretações. (RODRIGUES, 2000).

De acordo com Barbosa (1981), a tradução consiste numa atividade humana, realizada através de estratégias mentais, empregadas na tarefa de transferir designação e sentido de um código lingüístico para outro – tradução interlingual.

Como Jakobson (1970) afirma, para se compreender determinada palavra, em determinada língua, é preciso além do conhecimento não lingüístico dela, conhecer o significado atribuído a essa palavra, no código lexical daquela língua, pois como já foi dito, a palavra não designa simplesmente a coisa, mas o signo, ele propõe três maneiras de interpretar um signo verbal:

1. Tradução Intralingual ou Reformulação – consiste na interpretação dos signos verbais, por meio de outros signos da mesma língua.
2. Tradução Interlingual ou tradução propriamente dita – consiste na interpretação dos signos verbais, por meio de alguma outra língua.

3. Tradução Inter-semiótica ou transmutação – consiste na interpretação dos signos verbais, por meio de sistemas de signos não verbais ou o contrário.

Na tradução interlingual, ao se traduzir termos e expressões de uma língua para outra, não há equivalência completa entre as unidades de código; há substituição de mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Desse modo, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes.

O contato social e político, assim como a transmissão de conhecimento científico, filosóficos ou literários seriam muito restritos, ou mesmo impossíveis, se não houvesse tradutores, preocupados em ampliar o raio de alcance da comunicação humana, possibilitando aos falantes de determinada língua participar das conquistas técnicas e práticas, científicas e filosóficas, artísticas literárias dos povos de outras falas.

Quanto ao nível técnico, especialmente aqui tratado, o nível de conhecimento entre as comunidades que falam o idioma original e o da tradução deve ser aproximadamente paralelo.

Na tradução, a compreensão é um processo constate de negociação e depende da proporção em que duas pessoas compartilham do mesmo nível de comunicação a respeito do mesmo assunto.

Dos principais procedimentos que podem ocorrer, observamos que:

- a transcrição dos termos torna-se procedimento muito usado, principalmente, quando se trata de símbolos matemáticos, fórmulas, como 32 RAM, 56k, etc, o termo não é traduzido apenas transcrito como no original, no texto de chegada
- os empréstimos valem-se como cópia de um elemento lexical da língua de partida (LP) para a língua de chegada (LC), podendo esse termo ser adaptado à língua receptora, através do processo já mencionado de aclimação. São exemplos desse procedimento os termos de informática *software*, *winchester*.
- O decalque abre-se para a tradução literal, total ou parcial dos sintagmas nominais compostos da língua de partida para língua de chegada, com adequação à sintaxe da língua de chegada. Tomemos como exemplo os sintagmas correio eletrônico, *sites* de busca.

- a tradução literal mantém a fidelidade semântica e gramatical, mas adequando as regras gramaticais da língua receptora. Exemplos: rede, navegador.

Na importação da tecnologia de informática (como em outras áreas, também) dos norte-americanos para os brasileiros, não há nenhum entrave para a adoção de termos do inglês e, por isso, não há preocupação no sentido de se trocar o original inglês por outro correspondente em português.

Esta escolha pelo termo original pode-se dar inclusive pela dominação de mercado científico e pela questão cultural, visto que nós, brasileiros, temos uma tendência muito mais forte em mesclar nossa cultura com a de outros países.

Na França, o empréstimo não é visto com os mesmos olhos dos brasileiros, ou seja, há uma certa resistência, existindo esquemas oficiais para normatizar ou minimizar a influência do inglês.

Em Portugal, a utilização de termos é bem menos que no Brasil e os usuários preferem traduzir mesmo que literalmente o termo emprestado, como por exemplo, mouse por rato; home page por página de casa.

No Brasil, não há nenhuma forma para normatizar ou uniformizar os termos adotados.

Todos esses pressupostos teóricos são válidos na medida em que, estabelecendo a linguagem como atividade criadora, encaminham este trabalho para a verificação da produção de neologismos que contribuem para a ampliação do acervo lexical da língua, visto que esses neologismos podem ser consagrados como pertencentes à língua.

Esses pressupostos dão força, também, ao trabalho pelo fato de que estamos trabalhando uma área de especificidade, daí a importância da terminologia, bem como de uma linguagem estabelecida a partir da noção de globalização e da virtualidade.

Não há, porém como falarmos de globalização, se não ligarmos a este termo, conceitos como interação e cruzamento de duas línguas que se integram e se interagem, para receber a nova tecnologia e, conseqüentemente, os novos conceitos e termos que a acompanham.

Assim, de forma eficaz, a fundamentação teórica, aliada ao *corpus* de pesquisa, possibilitam-nos à construção de um Modelo de Análise, que será minuciosamente exposto no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3: CONSTITUIÇÃO DO “CORPUS” e ANÁLISE DOS DADOS

3.1. Modelo Instrumental de Análise

Através de toda fundamentação teórica, como já dissemos, anteriormente, obtemos subsídios básicos para a construção de um pequeno Modelo Instrumental de Análise do corpus.

Consideramos, para isso, o contexto e as circunstâncias, em que os empréstimos da língua inglesa aparecem na língua portuguesa, através dos textos que constituem o corpus desta pesquisa. O modelo será dividido em etapas:

A primeira etapa consiste em trabalhar os textos, verificando como um termo entra no contexto temático e que sentidos ele apresenta cada vez que ele aparece.

A segunda etapa consiste na descrição sucinta das falas dos usuários, como forma para se trabalhar os textos formadores do corpus.

A terceira etapa consiste em listar os termos que constituem o corpus da pesquisa, colocando algumas definições para esses termos, segundo glossários e dicionários de inglês, quando esses termos forem pertencentes à língua geral e, portanto, dicionarizados.

A quarta etapa consiste em cruzamento dos termos encontrados nos textos e na fala dos informantes, no sentido de se verificar o comportamento do novo termo na língua portuguesa.

Todas as etapas visam a centrar as definições tradutivas, no que é possível se estabelecer conceitos de informática, linguagem virtual, considerando-se a mundialização temática e informática, através da rede de computadores.

3.2 Constituição do corpus

3.2.1 Levantamento de termos nos textos selecionados

Como já mencionamos no início deste trabalho, selecionamos 10 textos ligados à informática. Os textos foram dirigidos a pessoas leigas, não diretamente ligadas a

essa técnica. Os textos abordaram facilidades e dificuldades que a nova tecnologia pode fazer na vida das pessoas de nossa sociedade.

Consideramos a linguagem jornalística, por ser uma linguagem que articula termos de várias áreas de conhecimento, no caso particular da informática, para divulgar informações. É uma linguagem banalizada, de fácil acesso à comunidade.

Em cada textos, levantamos os termos em inglês da linguagem da Internet, que muitas vezes irão se repetir, mostrando que são esses termos que servem de base para a entrada do léxico dessa linguagem técnica.

Assim, consideramos todos os textos, mesmo cujos termos já apareceram em outra ocasião. Os textos, posteriormente, serviram para que pudéssemos relacioná-los aos depoimentos dos informantes.

O primeiro texto, com o título *O povo está na rede*, inicia com estatísticas sobre quantos seriam os usuários da Internet no Brasil e coloca a questão de que usuários não seriam apenas as pessoas que possuem computador ou conta em provedor, mas também, os “*net-vizinhos*”, pessoas que se utilizam de computadores de outros. O texto fala também sobre um programa de matrícula em escolas municipais feitas, através da rede, mostrando que a população (de classe média baixa e classe baixa) está mais confiante, em realizar serviços pela Internet, não questionando a segurança, em relação, aos dados pessoais. O texto apresenta os seguintes termos expressões da língua inglesa: *net world in numbers, net-vizinho, site, web, browser (e sua variação falada brauzi)*.

O segundo texto, *Você não pode não se comunicar*, trata do contingente humano, dentro da crítica referente ao uso do computador. As pessoas têm se tornado dados estatísticos nos computadores dos nossos relacionamentos institucionais, mostrando que, ao mesmo tempo, que perdemos a individualidade e intimidade, diante da relação homem-máquina, passamos a ser vistos, em meio à multidão que vaga na *web*, mas tendo a vida toda vasculhada por conta de dados que ficam vagando na rede. O texto apresenta os seguintes termos: *sites, cookies, data mining*.

O terceiro texto denominado *Informação e governo federal* refere-se ao uso da Internet pelo governo federal, para transmitir informações importantes à população. O governo disponibiliza sites e programas para difundir informações, agiliza contatos com seus clientes, os contribuintes e beneficiários. O texto possui uma variedade de termos específicos em inglês como *sites, toolbar do browser, links, software, Rich Text Formate (RTF), Word, Portable Documente Format (PDF), Acrobat Reader, fonts, webmaster*.

O quarto texto, *Analfabetos e Analfabits*, trata de um mundo digital, dizendo que alfabetizado não é apenas saber ler e escrever o nome, mas saber usar serviços digitais e que, na sociedade de Informação, só terão chance os cidadãos que estiverem preparados. O termo usado (híbrido) é *analfabits*.

No texto de número cinco, *Repórteres sem fronteiras, mundo com censura*, aparece a questão dos sites e serviços da Internet que são vigiados e até barrados em determinados países, que baseiam seu poder na supressão das liberdades individuais, incluindo a comunicação. Os termos são: *email* (com seu sinônimo em português *correio eletrônico*), *sites*, *hackers*, *on line*.

Padaria é lugar de pão, leite e também Internet é o título do sexto texto, que fala sobre padarias em São Paulo que instalaram Internet, possibilitando ao freguês ser usuário da rede, mostrando que o povo está passando a aceitar a Internet como uma necessidade também básica como pão e leite. *Email e sites* foram os termos encontrados.

O texto sete, sob o título *Salas de aula high-tech dispensa lápis e papel*, refere-se à determinada escola que desenvolve software para tornar as aulas mais atrativas e ensino mais eficaz. Aparecem os termos *high-tech*, *software* e *CD Rom*.

O oitavo texto é composto por mais de um texto, referente a trabalhos distribuídos à usuários para pesquisarem sobre Ets e sobre a cura de doenças como AIDS e câncer. Os títulos e subtítulos dos textos são: *PC caseiro pode achar ETs e cura do câncer*, *Tempo ocioso de milhões de micros pode ajudar no teste virtual de novas drogas*, *Outras pesquisas apontam para a saúde*, *Nem só de ETs vive a tecnologia; há projetos sobre genoma*, *Aids e a cura do câncer*, *FightAIDS tenta aumentar a resistência dos medicamentos contra a doença*. Os textos foram colocados juntos, porque tratam do mesmo assunto. Os termos que se destacaram forma: *software*, *download*, *off line*, *seven*.

O texto nove, *Net maníacos só vivem com o modem na veia* fala sobre pessoas que, dependentes da Internet de forma exagerada, chegam a ficar doentes se ficarem longe da rede. O texto apresenta como solução a possibilidade de estarem se tratando com especialistas e voluntários que atendem principalmente pela Internet. Os termos que constam do texto são: *site*, *chat*, *web*.

Ingleses usam e-mail para paquerar durante expediente é o último texto escolhido para realizar o estudo e fala sobre companhias que estão perdendo dinheiro e horas de trabalho com o uso indevido do correio eletrônico, por parte dos funcionários durante o trabalho. O termo que se destacou foi: *e-mail*

3.2.2 Informantes

O *corpus* de análise constitui-se de uma pequena amostra de oito a dez entrevistas com informantes (usuários comuns e especialistas), num questionário sobre o uso de termos e os conceitos que esses termos provocam, para o universo ideológico-cultural do uso de um vocabulário, pertencente à língua inglesa.

Desses informantes, foram considerados usuários de informática e da Internet, incluindo especialistas, que conhecem o conceito designativo; usuários que não dominam, mas que utilizam esses termos na prática da linguagem informatizada e aqueles que conhecem pouco a língua inglesa e, por isso, muitos desses termos escapam.

Variantes como idade, sexo e escolaridade não foram levadas em conta nesta pesquisa.

Nessas entrevistas ficou constatado o seguinte:

1. Usuários, com o domínio da língua inglesa e o da informática dificilmente usam o termo substituto, pois acredita que o termo em inglês responde pela rapidez, uniformidade e universalização da técnica e da interação entre povos. Usam *e-mail*, *site*, *download*, mas preferem bate-papo no lugar de *chat* e nunca usam o termo *web*.

Informante A: *As palavras em inglês precisam ser faladas, para que haja mais... facilidade, né? Para se comunicar mais rápido. Faz parte de todo esse processo de globalização e o inglês é a língua mais falada, é a universal, a que domina, digamos assim.*

Informante B: *Eu sempre abro meus e-mails, faço download, entro em sites, porque estou acostumado com essas palavras e sei o que significa. Eu acho que elas soam bem, também. Já a palavra chat é meio estranha, não acho legal, por isso eu entro nos bate-papos e não nos chats.*

2. Usuários, que com algum domínio da língua inglesa, fazem algumas substituições do termo em português pelo inglês, porque acreditam que possa haver falhas na comunicação e que o uso do inglês, por vezes, torna-se exagerado. Por outro lado, diz que o uso do termo em inglês responde pela globalização do conhecimento.

Informante C: *Têm palavras que eu falo em inglês, quando eu sei que as pessoas vão me entender e quando eu sei o que ela significa, também, né?*

Informante D: *Dependendo da situação eu uso e-mail, mas às vezes eu falo correio. Parece sinônimo. Eu vejo assim. Ah! É mais chique falar recebi um e-mail,*

que vou abrir um e-mail. Mas às vezes acho que não dá certo falar correio, por exemplo, vou abrir meu correio. Acho que não dá, fica estranho. Agora têm palavras que já passam do limite, né? As pessoas falam tanto em inglês para passar idéia de que sabem mais e acabam abusando. É chat, web, browser também não uso, acho que não sei bem o que é, por isso.

(EM OUTRO MOMENTO) Coisa mais boba é alguém dizer que está off line e isto eu já ouvi. Ou você está on line ou não está e pronto.

Informante E: Eu uso palavras em português e inglês. Por exemplo eu faço download, mas quando eu digo a alguém o que eu fiz, eu digo que baixei arquivos, porque não sei pronunciar direito e não sei se vão me entender. Acho que muitas pessoas não sabem o que é e tem dificuldades em usar o computador ou a Internet, porque não sabem o que significa as palavras.

3. Usuários com algum domínio da língua inglesa e que quase nunca usam o termo em inglês. Vê o uso como exagero, que empobrece a língua portuguesa. Se se deparam com termos em inglês, no texto, abomina-os.

Usam os termos baixar arquivos (no lugar de *download*), páginas (no lugar de *sites*), correio eletrônico (no lugar de *e-mail*). Os únicos termos que usam em outra língua, no que se refere ao uso de termos da informática são os nomes de programas por sua natureza comercial: *Word, Windows*.

Informante F: Eu, na minha opinião detesto a língua inglesa. Acho que estamos nos subjugando demais. Tudo bem que estamos usando tecnologia deles, mas agora que está aqui, nós podemos operar e executar na nossa própria língua. Não falo e-mail, não falo chat. Site pode até ser, mas pra quê usar a deles quando eu tenho a minha. Agora o nome do produto é diferente. Eu falo Word, Windows, Microsoft, porque são os nomes dos produtos que são deles, como marcas deles.

4 usuários, com pouco ou nenhum domínio de língua inglesa e que sentem dificuldades em usar os termos ligados à informática. Nesse caso, acreditam, que não conhecer a língua inglesa ou os termos dessa língua, é uma falha pessoal, que deverá ser superada, pois vêm o domínio e uso desses termos como imprescindíveis para a interação entre máquinas e pessoas.

Informante G: Quando estou na frente do computador a coisa pega. Porque eu não tenho muito jeito. Tô aprendendo.

As palavras em inglês eu não conheço nada. Quando tem uma coisa lá em inglês eu chamo meu filho e aí ele me explica ou faz pra mim. Eu sei que devia fazer um cursinho, mas não dá tempo.

Informante H: Ah! Eu não sei muita coisa nem de computador, nem de inglês. Vou mais por dedução. Às vezes eu ligo pro meu técnico ou chamo alguém. Eu já aprendi a fazer aquele down..., sabe esse de baixar arquivos, mas foi de tanto perguntar e ver escrito, que aprendi.

5. Especialistas, que não têm domínio da língua inglesa, mas devido à técnica e aos serviços que prestam, usam quase que, em sua totalidade, os termos em inglês. Quando precisam interagir com usuários, que não dominam a informática, explicam o termo definindo-o.

Informante I: Aqui, você clica aqui e aparece escrito se quer fazer esse download, então você vai aqui e clica que sim. E aí aparece o arquivo que você está querendo. Cópia de lá pra cá, certo?

Para navegar você precisa de um browser, que serve para visualizar páginas. Browser é um programa de navegação. A gente pode pegar grátis na Internet mesmo.

Como verificamos, há um incômodo por partes de alguns e absoluta tranqüilidade por parte de outros em relação ao uso de termos da língua inglesa no universo da língua portuguesa, em relação à informática.

3.2.3 Organização dos termos em fichas terminológicas

O próximo passo na análise refere-se a lista de termos obtidos através dos textos selecionados.

Na análise dos termos, utilizamos uma ficha organizada para trabalhos terminológicos, visto que a sistematização desses trabalhos segue uma razoável uniformidade. Para isso, adotamos um modelo único de ficha terminológica, em arquivos que tenham como objetivo a descrição monolíngüe ou bilingüe.

A ficha consta, segundo Aubert (1996), de 22 campos a serem preenchidos, porém para este trabalho foi selecionado e relacionado os campos, conforme a necessidade e a relevância para o mesmo.

Constará, pois então dos seguintes campos:

Campo 1: registra o código da língua de partida do termo, no caso do inglês -EN;

Campo 2: insere-se o termo na forma em que aparece no contexto levantado;

Campo 3: transcreve-se o contexto em que o termo ocorre na fonte e, que se possível, proporcione a definição ou explicação do conceito nocional abarcado;

Campo 4: identifica-se o registro ou entrada do termo na língua de chegada, no caso a língua portuguesa;

Campo 5: indica a área e sub-área do termo

Campo 6: definição do termo de acordo com os dicionários ou glossários técnicos, caso haja uma definição.

Campo 7: possível tradução do termo, adequando-o às normas da língua padrão de chegada, verificado no dicionário inglês-português.

CAMPO 1	EN
CAMPO 2	Bits; no texto ‘analfabits’
CAMPO 3	<p>A minha frente, estavam, possivelmente, analfabits: gente que mal aprendeu a ler, sobrevive nos trabalhos quase desumanos e arriscados (pense num andaime, a 50 metros do chão...) que dependem de força física e coragem e que, de repente, tem parte essencial de sua vida tornada digital... Receber dinheiro às Sextas, vira uma tortura. Ou vergonha.</p> <p>Eram apenas exemplos dos milhões de analfabits do país e do mundo.</p> <p>(Texto 5)</p>
CAMPO 4	Não há.
CAMPO 5	Informática
CAMPO 6	<p>(1) Dicionário da LP: (Computador) a menor unidade de memória</p> <p>(2) Dicionário da LC: [bít] s.m. Sigla de Binary digiT (dígito binário) que é a menor unidade de informação com a qual trabalha em computador.</p> <p>(3) Glossário de informática:</p>
CAMPO 7	Não há.

CAMPO 1	EN
CAMPO 2	Browser
CAMPO 3	<p>A solidariedade brasileira, com Mané de Aurora fazendo parte ou toda a transação pra rua inteira; a confiança de todos, de que ele estava mesmo abrindo a página de matrícula da Secretaria; a nossa informalidade, de entregar a um browser e a todos que estão perto, dados pessoais que, na Europa e nos EUA, só andam pela rede criptografados, permite que se tente e faça, no Brasil, coisas do arco da velha. (Texto 3)</p> <p>Mané di Aurora abriu um tá de brauzi pru mode batê ur nome, as séri, indereço, aí apertou um tá de ‘confirma’ na TV do computadô e pronto! (Texto3)</p>
CAMPO 4	Browser
CAMPO 5	Informática/Internet
CAMPO 6	<p>(1) Dicionário da LP: uma pessoa que usa browses – internauta; um programa de computador para procurar especialmente na World Wide Network – navegador.</p> <p>(2) Dicionário da LC: [Ingl.] S. m. Inform. Navegador .</p> <p>(3) Glossário de informática: pesquisar; pesquisar e acessar sem permissão</p>

	informações dos bancos de dados.
CAMPO 7	Navegador.
CAMPO 1	EN
CAMPO 2	CHAT/CHATS
CAMPO 3	O estudante Rafael Fijalkovisky percebeu que estava usando o chat de forma exagerada em 99. "Estava deixando de lado os estudos e os amigos para ficar no bate-papo".
CAMPO 4	Chat/papo
CAMPO 5	Informática/ Internet
CAMPO 6	(1) Dicionário da LP: uma conversa informal.[1] (2) Dicionário da LC: Inform. 1. Forma de comunicação através de rede de computadores (ger. a Internet), similar a uma conversa, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas; bate-papo on-line, bate-papo virtual, papo on-line, papo virtual. (3) Glossário de informática:
CAMPO 7	Conversa.

CAMPO 1	EN
CAMPO 2	Cookies
CAMPO 3	Pela última contagem, o micro da minha casa tinha mais de 500 cookies, um registro que a maioria dos sites, hoje, deposita em nossas máquinas, sem aviso prévio
CAMPO 4	Não há.
CAMPO 5	Informática/Internet
CAMPO 6	(1) Dicionário da LP: biscoito (2) Dicionário da LC: sem registro (3) Glossário de informática: não há registro
CAMPO 7	Não há

CAMPO 1	EN
CAMPO 2	Download
CAMPO 3	Como o projeto começou a receber mais Terabytes do que os computadores da universidade podiam processar, os organizadores do trabalho partiram em busca de voluntários, convidando usuários de Internet para fazer o download do SETI@Home e doar o tempo ocioso de seus computadores. (Texto8)
CAMPO 4	Não há
CAMPO 5	Informática/ Internet
CAMPO 6	(1) Dicionário da LP: carregar (2) Dicionário da LC: S. m. 1. Numa rede de computadores, obtenção de cópia, em máquina local, de um arquivo originado em máquina remota. (3) Glossário de informática: carregar um programa ou seção de dados de um computador remoto via uma linha telefônica; transferir dados de um computador de grande porte para um computador pequeno; enviar dados-fontes de impressora armazenados em disco para uma impressora (onde vão ser armazenados em memória temporária ou RAM).
CAMPO 7	Não há.

CAMPO 1	EN
CAMPO 2	E-MAIL/EMAIL
CAMPO 3	Segundo a MSNBC, fofocas sobre colegas são o segundo maior assunto para o qual os homens utilizam o e-mail durante o trabalho. (Texto10) Ir à padaria para acessar a Internet. Será que tem algo errado aí? A resposta é não. A idéia já é aceita como normal pelos clientes de várias padarias de São Paulo, que desde dezembro do ano passado podem ler e-mails e navegar na rede gratuitamente. (Texto 6) E ali, nos EUA, é cada vez maior o número de empresas que filtra e analisa o correio eletrônico recebido e enviado por seus colaboradores, no mais das vezes com autorização. A comunicação é livre e a confidencialidade é zero: com todo o seu email grampeado, tudo pode ser interpretado contra você (Texto5)
CAMPO 4	e-mail / correio eletrônico
CAMPO 5	Informática/ Internet
CAMPO 6	(1) Dicionário da LP: correio eletrônico; um sistema em que você pode enviar rapidamente cartas, informações, relatórios, etc de seu computador para alguém que está usando um computador.[2] (2) Dicionário da LC: S. m. 1. V. correio eletrônico. (3) Glossário de informática: (email) Electronic Mail. Correio Eletrônico.
CAMPO 7	Correio eletrônico.

CAMPO 1	EN
CAMPO 2	Hackers
CAMPO 3	No começo deste ano, uma ação de hackers, com o estímulo e anuência de autoridades indonésias, invadiu o domínio .tp, do Timor Leste, que residia num provedor irlandês e calou o país virtual, na base da censura digital. Guerra é guerra. No outro lado do mundo, o governo chinês, que vive num perigoso estado de animação suspensa, anda alistando hackers para "combater" fontes de informação on-line hostis ao regime de Beijing. (Texto 5)
CAMPO 4	Hackers
CAMPO 5	Informática/ Internet
CAMPO 6	(1) Dicionário da LP: nome. 1. Uma pessoa que acessa ilegalmente para obter informações no computador de outras pessoas. (2) Dicionário da LC: S. 2 g. Inform. 1. Indivíduo hábil em enganar os mecanismos de segurança de sistemas de computação e conseguir acesso não autorizado aos recursos destes, ger. a partir de uma conexão remota em uma rede de computadores; violador de um sistema de computação. (3) Glossário de informática: experimentar e explorar software e hardware de computador; forçar entrada em um sistema de computação com objetivos criminosos.
CAMPO 7	Não há.

CAMPO 1	EN
CAMPO 2	Links
CAMPO 3	Em destaque estão os textos da Constituição e de boa parte da legislação federais, acessíveis através da página da Presidência da República (www.planalto.gov.br). Aliás, esta página é o centro de informações sobre o poder executivo federal, com links para os ministérios. (Texto Informação e...)
CAMPO 4	Link.
CAMPO 5	Informática/ Internet
CAMPO 6	(1) Dicionário da LP: algo que conecta duas coisas , elo, vínculo. (2) Dicionário da LC: S. m. Inform. 1. F. red. de hyperlink. (3) Glossário de informática: caminho de comunicação ou canal entre dois componentes ou dispositivos.
CAMPO 7	Não há

CAMPO 1	EN
CAMPO 2	SITE/SITES
CAMPO 3	Hoje o governo federal centraliza no portal www.brasil.gov.br o acesso organizado a boa parte dos sites operados pelo governo federal e dos estados. Na Internet cada um é um editor em potencial: usando os sites que nos deixam criar páginas ao nosso bel prazer, podemos publicar contra ou a favor de qualquer coisa, pessoa, país ou idéia. (Texto 5) O relacionamento dos sites da rede com seus usuários, no longo prazo, depende disso. ... Os sites fazem isso, cada vez mais, para aumentar e eficácia da comunicação - nos dizendo apenas aquilo que acham que nos interessa. (Texto2)
CAMPO 4	Site
CAMPO 5	Informática/ Internet
CAMPO 6	(1) Dicionário da LP: 1. Um lugar alguma coisa importante ou interessante aconteceu. 2. Uma área onde alguma coisa está sendo construída ou será construída.[3] (2) Dicionário da LC: S. m. Inform. 1. V. sítio (3) Glossário de informática: um "site" da Internet é um dos nossos computadores existentes. Por exemplo, um site FTP é um computador algures que oferece o serviço de FTP (idêntico a FTP server).
CAMPO 7	Local, páginas.

CAMPO 1	EN
CAMPO 2	Software
CAMPO 3	<p>Algumas agências do governo federal abraçaram com entusiasmo o uso da Internet para se relacionar com seu público externo. Destas a mais conhecida é seguramente a Receita Federal (www.receita.fazenda.gov.br), cuja maior façanha vem sendo a preparação de software, disponível via a Internet, para a declaração anual do Imposto de Renda de Pessoa Física. (Texto 3)</p> <p>Seis softwares já foram desenvolvidos pela escola para oferecer aulas em 3D. (Texto 7)</p> <p>O programa é um protetor de tela que utiliza o tempo ocioso do micro. Para rodar softwares como o SETI não é necessário estar conectado na Internet o tempo todo. A rede só usada para baixar o software e fazer as atualizações e envio e recebimento de dados. (Texto 8).</p> <p>Um dos "candidatos" a ufólogo é João Paulo Ribeiro da Silva, usuário do SETI há seis meses. "Às vezes, deixo o micro ligado a madrugada toda para que o software possa analisar ondas. Se algum sinal estranho aparece na série de dados, o próprio programa envia um arquivo para a central para ser analisado posteriormente", diz. (Texto8)</p>
CAMPO 4	Software
CAMPO 5	Informática/Internet
CAMPO 6	<p>(1) Dicionário da LP: qualquer programa que instrui o hardware sobre a maneira como ele deve executar uma tarefa.</p> <p>(2) Dicionário da LC: S. m. Inform. 1. Em um sistema computacional, o conjunto dos componentes que não fazem parte do equipamento físico propriamente dito e que incluem as instruções e programas (e os dados a eles associados) empregados durante a utilização do sistema. 2. Qualquer programa ou conjunto de programas de computador: 2 3. P. ext. Produto que oferece um conjunto de programas e dados para uso em computador: 2</p> <p>(3) Glossário de informática: suporte lógico; suporte de programação. Conjunto de programas, métodos e procedimentos, regras e documentação relacionados com o funcionamento e manejo de um sistema de dados.</p>
CAMPO 7	Programa

CAMPO 1	EN
CAMPO 2	WEB
CAMPO 3	Se houvesse mais serviços, mais governo virtual, na web, mesmo que o servidor fosse lento, que a interface não fosse estas coisas todas, ficaria esperando, navegando noutras praias e janelas, esperando a página e bicando minha Carvalheira, que ninguém é de ferro... Isso faz com que consigam nos enxergar individualmente, na multidão que vaga na web. O que pode ser muito bom, desde que nós queiramos que isso aconteça. (Texto4)
CAMPO 4	Web
CAMPO 5	Informática/Internet
CAMPO 6	(1) Dicionário da LP: 1. uma espécie de linha pegajosa feita por uma aranha para capturar insetos. 3. A Web World Wide Web.[4] Web site é um programa de computador que está conectado na Internet e dá informações sobre um assunto ou produto particular. (2) Dicionário da LC: S. f. Inform. 1. Recurso ou serviço oferecido na Internet (rede mundial de computadores), e que consiste num sistema distribuído (q. v.) de acesso a informações, as quais são apresentadas na forma de hipertexto, com elos entre documentos e outros objetos (menus, índices), localizados em pontos diversos da Rede. 2. O conjunto das informações e recursos assim disponibilizados. [Tb. se usa a sigla (ingl.) WWW.] (3) Glossário de informática: Abreviatura para designar o World-Wide-Web.
CAMPO 7	Web: (subs) (biologia) teia (f), (informática) rede (f)

Dos termos utilizados nos textos e pelos informantes são comuns os seguintes: *chat*, *download*, *e-amil*, *sites*, *web*.

Por estes termos, pudemos viabilizar outra ficha, contendo os seguintes campos:

Campo 1: contém o termo

Campo 2: transcreve-se o contexto em que o termo aparece

Campo 3: facilidades e dificuldades que os informantes apresentam quanto ao termo.

Campo 4: adaptação e adequação ao contexto ou uso do substituto.

Campo 5: em quantos contextos aparece o termo (em todos os informantes, por exemplo).

Campo 1	Chat
Campo 2	<i>Já a palavra chat é meio estranha, não acho legal, por isso eu entro nos bate-papos e não nos chats. (Informante B)</i> <i>É chat, web, browser também não uso, acho que não sei bem o que é, por isso. (Informante D)</i> <i>Não falo e-mail, não falo chat. (Informante F)</i>
Campo 3	Não apresentam grandes dificuldades quanto à definição do termo, mesmo nos casos em que não usam.
Campo 4	A maioria dos informantes preferem trocar o termo pelo substituto em português, fazendo às vezes a diferença entre bater papo e bater papo no 'chats'.
Campo 5	O termo 'chat' apareceu em 90% dos contextos.

Campo 1	e-mail
Campo 2	<i>Eu sempre abro meus e-mails, faço download, entro em sites, porque estou acostumado com essas palavras e sei o que significa. (Informante B)</i> <i>Dependendo da situação eu uso e-mail, mas às vezes eu falo correio. Parece sinônimo. Eu vejo assim. Ah! É mais chique falar recebi um e-mail, que vou abrir um e-mail. (Informante D)</i> <i>Mas e-mail eu uso e até tenho um. (INFORMANTE G)</i>
Campo 3	Conhecido por todos os informantes, o termo não apresenta nenhuma dificuldade.
Campo 4	Usam o termo alternando seu uso: ora e-mail, ora correio eletrônico.
Campo 5	Aparece em 100% dos contextos

Campo 1	Download
Campo 2	<i>Por exemplo eu faço download, mas quando eu digo a alguém o que eu fiz, eu digo que baixei arquivos, porque não sei pronunciar direito e não sei se vão me entender. (Informante E)</i> <i>Aqui, você clica aqui e aparece escrito se quer fazer esse download, então você vai aqui e clica que sim. (Informante I)</i>
Campo 3	Os informantes têm muitas dificuldades em usar o termo, em virtude, muitas vezes, de não saber pronunciar corretamente. Em outros casos, porque não sabem a definição nem mesmo executar a tarefa no computador.
Campo 4	Usam a expressão que substitui o termo: "baixar arquivos".
Campo 5	Aparece muito pouco nos contextos. Só em 3 dos informates.

Campo 1	Sites
Campo 2	<i>Site pode até ser, mas pra quê usar a deles quando eu tenho a minha.</i> (Informante F) <i>Nossa loja já tem até site na Internet. Visita lá...</i> (Informante I) <i>... entro em sites, porque estou acostumado com essas palavras e sei o que significa.</i> (Informante B)
Campo 3	Todos os informantes usam, definindo site como página.
Campo 4	Difícilmente usam um substituto em português.
Campo 5	Aparece em 100 % dos contextos, mesmo por aqueles que dizem não usar o termo.

Campo 1	Web
Campo 2	<i>Você tem que ir se aprimorando e na web, você consegue muita informação.</i> (Informante A) <i>É chat, web, browser também não uso, acho que não sei bem o que é, por isso.</i> (Informante D)
Campo 3	Maior dificuldade no uso do termo.
Campo 4	Usam o substituto rede ou Internet
Campo 5	Aparece muito pouco. Apenas dois informantes disseram o termo, durante a entrevista.

Resultados Parciais

Os termos analisados constituem parte do vocabulário de base da linguagem da informática, por isso a reincidência destes nos textos e nas conversas com os informantes.

Dentro do arcabouço deste vocabulário levantado, há termos, os quais denominamos constantes, que constituem o uso de determinados vocábulos sem adaptação,

como *site* e *e-mail*¹⁰, mostrando a estabilidade vocabular e, há, também as variantes, ou seja, termos que são usados, de acordo com as necessidades e com as escolhas que o usuário faz.

Pelo recurso da linguagem artificial e globalizada, a língua inglesa é capaz de alcançar todas as comunidades – aldeia global, que articula todas as informações adaptando por interpretações dialógicas e interativas na cultura de cada comunidade de acordo com as necessidades.

A partir disso, através das análises realizadas com os informantes, verificamos que estes se preocupam muito em estar interagindo e facilitando o entendimento, quando precisam se comunicar, como no caso de ter que explicar como acessar a Internet.

Se esses usuários têm o domínio da área de informática e conhecem bem a língua inglesa, sua preocupação, que também é a interação, será sempre procurar definir o termo ou usar um substituto, para que outros que não dominem possam entendê-los.

Pudemos perceber, ainda, que ao mesmo tempo em que há a preocupação com a interatividade entre as pessoas, há a necessidade de certa individualidade das pessoas e também de povos. A aldeia global rompe fronteiras, mas a cultura e os costumes de um povo ainda permanece. Surge, então, a necessidade de adaptar a linguagem virtual, conforme às necessidades de um grupo social.

Como a comunicação é ação fundamental para a interação entre os grupos sociais, aparece a capacidade de produzir representações sobre o contexto histórico-social bem como de transformar o conceito que, mediante uma rede de comunicações, vai modificando o sentido das coisas. Os informantes aqui apresentados procuraram utilizar termos em inglês numa interação mais ampla, mas num momento particular normalmente usam termos substitutos ou traduzidos. Diante disso, a palavra de ordem para os povos num mundo globalizante e tecnológico é interação.

Em relação às fichas terminológicas, dos onze termos apresentados, seis possuem entradas em dicionário de língua portuguesa, mostrando que a adequação e permanência dos termos já se faz muito presente. Esses termos, são principalmente, aqueles que estão mais frequentes nos textos e nas entrevistas.

Na consulta ao dicionário da língua portuguesa, verificamos a preocupação em incorporar os termos bases da informática, procurando, muitas vezes, ao invés de definir, traduzir em uma palavra ou duas o termo emprestado.

¹⁰ Este último já traduzido em dicionários mais recentes, conforme LUFT, C. P. *Minidicionário luft*. 20 ed. São Paulo: Ática, 2000.

Algumas vezes, o dicionário não irá atender às necessidades do indivíduo, falante de língua portuguesa, que não domina nem a tecnologia, nem a língua inglesa, porque para a entrada do verbete, em inglês, há uma definição também em inglês. Se procurarmos, por exemplo, o verbete *link* no dicionário da língua geral¹¹, encontraremos na acepção o termo *hyperlink*, que continua não resolvendo o problema inicial.

No caso do vocábulo *site*, o dicionário também não poderá satisfazer às necessidades de entendimento, definição ou informação aos usuários da informática, porque a acepção para este termo é sítio, não especificando para o falante maiores detalhes sobre o verbete.

¹¹ FERREIRA, A. B. H. *O novo dicionário Aurélio* – século XXI. Nova Fronteira.2000.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho colocou como, problemática a questão da adoção de termos da língua inglesa pela língua portuguesa, que se dá em virtude, principalmente, da transferência de tecnologia dos norte-americanos pelos brasileiros. Por essa tecnologia ficaram evidentes as modificações ocorridas, tanto no aspecto social quanto histórico, político e cultural.

O contexto atual caracteriza-se principalmente pela rapidez, mutabilidade, pluralidade e presença marcante da tecnologia nos meios de comunicação, nos negócios e na produção de conhecimento.

Ficou evidente também que essa tecnologia, a da informática, constitui um divisor de águas, colocando-nos ao lado do nosso mundo real, um mundo virtual, com uma linguagem também virtual.

Esse mundo virtual colocou a nossa disposição elementos suficientes, para que estendêssemos nossos relacionamentos e ampliássemos nossa comunicação distendendo a questão cultural num universo global e particular.

Em relação a linguagem, todo esse novo contexto virtual nos levou a questionar e refletir sobre o fato de situar essa linguagem, de forma a atender às necessidades do grupo social frente ao universal. A língua ou os termos da língua inglesa expandem-se na tecnologia e apoderam-se dos discursos globais, já que é a língua medianeira de todas as outras línguas ou sistemas lingüísticos.

Os termos foram importados, de forma a fazer frente aos desígnios informativos e utilitários da rede virtual dos computadores. De início, constituíram um empréstimo por causa da tecnologia, mas tornou-se usual, adaptando-se a língua de chegada, causando certo incômodo é verdade. Depois presumidamente, acreditamos que torna-se incorporada nessa mesma língua, adaptando-se e adequando-se e fazendo surgir uma nova linguagem, que não é nem da língua de origem, nem tal como foi recebido. A volta deles para o inglês torna-se problemática, porque distende e se rompe na formação estrutural das duas línguas.

Como foi mencionado, na introdução deste trabalho, nossos objetivos estiveram voltados para a busca de dados de análises de termos da língua inglesa, verificação da sua posição na entrada para a língua portuguesa. De acordo com as análises e os pressupostos, baseados na questão do léxico e da incorporação lexical, pudemos constatar que

a tendência destes empréstimos, tem sido a de, aos poucos, adaptar e/ou traduzir vocábulos de empréstimos no português, o que não quer dizer que alguns deles possam se situar de forma permanente no inglês.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para a legitimidade de uma linguagem, que venha a se inserir em tecnologia avançada, isto é, numa tecnologia que possa efetivamente ser utilizada, para uma melhor qualidade de vida do usuário, respeitando as individualidades culturais e interagindo situações apresentadas no sistema global da informação.

Foram essas questões analisadas, por nós, não de forma exaustiva, visto serem objetos para a continuação das investigações; até porque, o objetivo deste trabalho foi o de tecer considerações a respeito de nosso objeto de análise.

Esperamos que este trabalho possa servir de base para novos estudos sobre a questão dos empréstimos, da linguagem virtual, da Lexicologia e da Terminologia.

Esperamos, também, que este trabalho possa enriquecer os trabalhos terminológicos e ajudar na sistematização e normatização da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1984.
- AUBERT, H. F. *Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilingüe*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1996. (Cadernos de Terminologia, 2)
- AURÉLIO eletrônico. São Paulo: Lexicon Informática, Escola de cara nova, [2000]. 1 CD-ROM. Windows 3.1
- BARBOSA, M. A. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.
- _____. *Teoria lexical*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BAUDOT, Jacques. Conditions for social progress. Relatório apresentado no *Social Summit in Copenhagen*. Copenhagen, 1997.
- BIDERMAN, M. T. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- CARVALHO, N. *Empréstimos lingüísticos*. São Paulo: Ática. 1989.
- _____. Neologismo na imprensa escrita. In: OLIVEIRA, A. M. P.P e ISQUERDO, A. N. (Org.). *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UMFS, 1998.
- COSERIU, E. *O homem e a sua linguagem: Estudos de teoria e metodologia lingüística*. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982.
- FERREIRA, A B. H. *O novo dicionário Aurélio – século XXI*. Nova Fronteira.2000
- GALISSON, R. “Entre in langue/culture par les mots”, In *Colóquio de lexicologia e lexicografia: Actas*. Lisboa: Centro de Estudos Comparados INIC/ 1990.
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- LAFACE, A. Coletânea de textos da disciplina Lexicologia e ensino, oferecida pela Faculdade de Ciências e Letras de Assis, em vias de publicação.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- _____. *O que é virtual*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LUFT, C. P. *Minidicionário luft*. 20 ed. São Paulo: Ática, 2000.

NISKIER, A. Internet e língua portuguesa. *Defesa da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br>> Acesso em 05julho, 2002.

OLIVEIRA, A. M. P. P. e ISQUERDO, A. N. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998.

OTTONI, P. A tradução da *différance*: dupla tradução e double bind, In *ALFA*, n ° 44, P.13-44, 2000.

REBOLLO, A. A. *El abecé de la psicolingüística*. Madrid: Arco Libros, S.L., 1998.

ROBIN, R. *Lingüística e história*. São Paulo: Cultrix, 1977.

RODRIGUES, M.C. *A Sociedade Contemporânea constrói um novo mundo: o virtual*. 1999. Dissertação de Mestrado (em Administração de Empresas) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, São Paulo.

RODRIGUES. C.C. Tradução, a questão da equivalência, In *ALFA*, n°. 44, p. 89-98, 2000.

ROSNAY, J. *O Homem Simbiótico*. Trad. Guilherme J.F.Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1997

STANTON, M. *Sociedade virtual*. Estadão. São Paulo. Disponível em <<http://www.estadao.com.br>>. Acesso em jan. 2001.

JAKOBSON, R. *Linguagem e Comunicação*. Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

Anexo 1: Textos

Texto 1. O povo também está na rede (por Silvio Meira)

Um dos mais recentes censos da rede, diz que 6.8 milhão de brasileiros seriam usuários da Internet, hoje. Dados do Computer Industry Almanac, publicados em www.thestandard.com: procure, lá, por net world in numbers. O Brasil está empatado com a Austrália, em sexto lugar, acima da França e Itália.

No mesmo site (procure por [brazil shows the way in latin america](#)), outro relatório, desta vez usando dados dos governos da América Latina, diz que seríamos apenas 1.785.000 internautas. Para efeito desta nossa conversa, vamos ficar com o maior número. E sabe por que?

Usuário não quer dizer gente que tem conta em algum provedor, mas quem, de uma ou outra forma, usa a rede. Talvez como net-vizinho: no passado, eram os televizinhos. Lembro da pequena multidão nas janelas de quem tinha TV em Iguatu, no Ceará, vendo Dr. Smith e Will Robinson em Perdidos no Espaço. Em 69, dos muitos "usuários" da TV, poucos tinham uma: coisas do Brasil.

Pode ser que tenhamos, mesmo, 5% dos brasileiros na Internet. Uma evidência recente é a matrícula 2000 nas escolas públicas do Recife. Não é a classe média que procura matrículas na rede oficial, muito menos os ricos. A educação pública nacional anda mal das pernas e, salvo exceções, ninguém, de livre e espontânea vontade, matricula seus rebentos no grupo escolar da esquina.

Neste ano, em Recife, foram solicitadas 20.000 novas matrículas nas escolas da Prefeitura. E uma das formas, dentro do programa Matrícula Fácil, era através da rede. E não é que 5% das solicitações foram feitas pela Web?

Pode ser um caso particular, local, até aleatório. Mas o povo pode também estar preparado para não enfrentar longas filas por uma vaga, debaixo do sol de 35 graus do Recife, acampado na porta de uma escola. E ainda participar da competição, de muitos metros com barreiras, para garantir uma vaga para os filhos numa vida melhor no futuro.

Parece que o povo que teve acesso a um micro, no shopping, em algum posto público, prefere e confia no virtual para tentar uma vaga na escola real. Não houve nenhum treinamento especial ou grande campanha de propaganda, mas o certo é que todos lucraram. Para começar, os mil que não foram para as filas.

É interessante que, quando órgãos de governo como a Receita Federal, cujo sucesso com o IRPF na Internet é hoje exemplo mundial, colocam à disposição dos cidadãos serviços de qualidade, que adicionam valor às suas atribuladas vidas, pouca gente questiona se deve ou não usar. Todos aprendem, usam, ponto. Não se questiona privacidade, segurança dos dados, seu uso pelo governo ou terceiros.

Isso, de uma forma, não é bom. Mas hoje, quando tudo está só começando, é fundamental. Se fôssemos esperar pela mais segura das redes para começar a realizar transações financeiras e interagir com o governo, levaríamos, ainda, muitos anos.

Fico pensando em dona Tonha Arrumadeira, do Alto Zé do Pinho, coversando sobre seus efeitos, no Barro/Macaxeira... “Zeza, mulé, tu num sabe! Butei ur menino no grupo lá no pêcê da associação... Minina, Mané di Aurora abriu um tá de brauzi pru mode batê ur nome, as séri, indereço, aí apertou um tá de ‘confirma’ na TV do computadô e pronto! Adispois duns dia nós recebeu a carta dizeno que tava tudo certin, certin... Eita coisa boa da bixiga...”.

A solidariedade brasileira, com Mané de Aurora fazendo parte ou toda a transação pra rua inteira; a confiança de todos, de que ele estava mesmo abrindo a página de matrícula da Secretaria; a nossa informalidade, de entregar a um browser e a todos que estão perto, dados pessoais que, na Europa e nos EUA, só andam pela rede criptografados, permite que se tente e faça, no Brasil, coisas do arco da velha.

Por mim, nunca mais iria enfrentar uma fila de serviço público. Se houvesse mais serviços, mais governo virtual, na web, mesmo que o servidor fosse lento, que a interface não fosse estas coisas todas, ficaria esperando, navegando noutras praias e janelas, esperando a página e bicando minha Carvalheira, que ninguém é de ferro...

Texto 2. Você não pode não se comunicar (por Silvio Meira)

O título da coluna é de Paul Watzlawik e diz tudo. Mesmo que você não queira expressar nada, seu não-dizer, sua ausência, são nelas próprias, uma presença. Talvez não possamos mais nos esconder, ser apenas nós mesmos, nossa unicidade, principalmente na rede.

Sempre vivemos na certeza de que cada ser humano é único. De perto, nas nossas virtudes, defeitos, lembranças, pecados e multas, cada um é diferente, mesmo se forem

irmãos gêmeos. Ainda mais, como reza a voz do povo, “de perto ninguém é normal”. Por isso precisamos Ter um mínimo de coisas escondidas, só nossas, a despeito de certos analistas.

Se fôssemos iguais, até na informação e conhecimento, não haveria porque nos comunicarmos. Comunicação é o conjunto de procedimentos que faz uma mente afetar outra. Na comunicação homem-máquina, está passando a ser qualquer coisa que mude o estado de algum banco de dados, do lado da máquina. Na maioria das vezes, sem sabermos de nada.

Use seu cartão de crédito e a operadora vai saber onde você está. Use novamente e eles descobrirão que após encher o tanque, você vai ao supermercado. Lá, há outro banco de dados sobre você, incluindo a compra de cerveja (6 latas) e batata frita (2 pacotes) toda Quarta, duas horas antes do futebol na TV. Se o posto souber disso, fará, talvez só pra você a promoção “cada 10 litros uma lata de cerveja”... vendendo a batatinha duas vezes mais caro...

Estamos virando dados nos computadores dos nossos relacionamentos institucionais. Informação que os fornecedores usam para tentar descobrir coisas que nem nós sabemos sobre nossas vidas e hábitos. Psicanálise digital, não solicitada, talvez indesejada. Na Internet, então, virou bagunça. Pela última contagem, o micro da minha casa tinha mais de 500 cookies, um registro que a maioria dos sites, hoje, deposita em nossas máquinas, sem aviso prévio.

Isso faz com que consigam nos enxergar individualmente, na multidão que vaga na web. O que pode ser muito bom, desde que nós queiramos que isso aconteça. Antigamente, toda a comunicação era evanescente, não havia registro, tudo desaparecia. Isso foi antes do papel, tinta, gravador, bancos de dados e dos cookies.

Agora, tudo é gravado: na maioria dos casos, sem pedido ou autorização. Os sites fazem isso, cada vez mais, para aumentar a eficácia da comunicação –nos dizendo apenas aquilo que acham que nos interessa. O que é gozado, pois a informação pode ficar determinística: se conseguirmos prever o que nos vão dizer, não é necessário que nos digam. A efetividade da comunicação depende da diferença de informação entre os envolvidos, da surpresa de ouvir e ver o que não se sabe.

Três princípios deveriam reger dados pessoais: primeiro, a privacidade deveria ser garantida a priori e em qualquer caso. Qualquer um, para pegar qualquer dado, meu ou seu, deveria pedir antes. Nada de cookies na minha máquina, ou data mining (algo como “vasculhamento” de dados) sobre meus registros de transação de qualquer tipo.

Segundo, cada um deveria ser o proprietário de seus dados e controlar o que é feito deles, em qualquer situação. Todos os dados, médicos e policiais inclusive, só poderiam fugir do controle dos indivíduos em circunstâncias especiais. Finalmente, a solução tem que ser global. Deve valer em Tonga e Taperoá, Vancouver e Viña del Mar. E não há nenhuma garantia disso hoje, no mundo, em lugar nenhum.

E está na hora de começar a haver. O relacionamento dos sites da rede com seus usuários, no longo prazo, depende disso. É preciso haver algum código, nem que seja de honra, dos sites que se levam (e seus usuários) a sério, para proteger os dados que estão a seu encargo.

Ou isso ou muita gente vai continuar fora da rede. Gente que não quer seus dados vagando por aí, dando conta de seus mais íntimos hábitos e viagens. E outros, que estão tendo suas vidas cascavilhadas, vão se danar quando souberem quem anda na espreita, gravando tudo o que fazem. E talvez consigam, afinal, não se comunicar. Senão com ninguém, pelo menos com muita gente.

Texto 3. Informação e o governo federal

Uma das características marcantes da época em que vivemos é o uso da tecnologia de informação pelos governos. Em muitos países, incluído entre eles o Brasil, a Internet contou desde o início com o apoio explícito de agências oficiais, e, com o passar do tempo, tem sido sempre crescente o desenvolvimento do próprio governo como usuário. Hoje o governo federal centraliza no portal www.brasil.gov.br o acesso organizado a boa parte dos sites operados pelo governo federal e dos estados. (Infelizmente, a apresentação dada por este portal suprime o toolbar do browser, dificultando o manuseio das páginas encontradas: para contornar este problema, pode-se usar a URL www.brasil.gov.br/html/main_h.htm).

A coleção de informações disponíveis via este portal é uma mina preciosa para conhecer o que passa no país, no governo e na vida pública. É até difícil imaginar como era possível ter acesso a estas informações e serviços antes da Internet. Em destaque estão os textos da Constituição e de boa parte da legislação federais, acessíveis através da página da Presidência da República (www.planalto.gov.br). Aliás, esta página é o centro de informações sobre o poder executivo federal, com links para os ministérios. Outras páginas disponíveis incluem as dos poderes legislativo e judiciário, do Ministério Público, dos governos estaduais e municipais, e de "outros órgãos" federais.

Uma descoberta feliz é encontrar o registro das discussões dentro de comissões do congresso sobre futura legislação. Já comentamos na coluna de 10 de julho a tramitação dentro da Câmara dos Deputados do projeto de lei sobre o comércio eletrônico. A comissão especial que examina este assunto, presidida pelo deputado Arolde de Oliveira e tendo como relator o deputado Júlio Semeghini, já realizou quatro audiências públicas com a participação de dez especialistas, representando diferentes interesses da sociedade/ Estes incluem, entre outros, a OAB, o Comitê Gestor Internet Brasil, a Universe Online, a Assespro, a Receita Federal, o Bradesco, o grupo Pão de Açúcar e a loja virtual Submarino. As transcrições destas audiências documentam um verdadeiro seminário sobre a comércio eletrônico e estão publicamente disponíveis via WWW na URL www.camara.gov.br/Intranet/comissao/index/esp/ctrami.htm#CEPL1483. Recomenda-se aos leitores conhecer esta testemunha viva do funcionamento do nosso congresso.

Algumas agências do governo federal abraçaram com entusiasmo o uso da Internet para se relacionar com seu público externo. Destas a mais conhecida é seguramente a Receita Federal (www.receita.fazenda.gov.br), cuja maior façanha vem sendo a preparação de software, disponível via a Internet, para a declaração anual do Imposto de Renda de Pessoa Física. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do MCT (www.cnpq.br) também aderiu ao uso de formulários eletrônicos para a submissão de projetos e atualização dos currículos dos pesquisadores do país. Para os currículos foi adotado recentemente a chamada Plataforma Lattes, que permite uniformizar a coleta destas informações, simplificando a geração de sumários sobre a comunidade de pesquisa no país.

Podemos então dizer que a Internet já vem sendo usado pelo governo federal para difundir informações, e também para agilizar os contatos com seus clientes, os contribuintes e os beneficiários do governo. Esta utilização promete aumentar muito no futuro, especialmente na prestação de serviços à sociedade. O programa Sociedade de Informação do MCT (www.socinfo.org.br) vem debatendo a estratégia a ser indicada para futuras ações. Em breve deve ser tornado público o seu Livro Verde, que sintetiza o trabalho em mutirão de centenas de pessoas para definir esta estratégia.

Portanto, se quisermos criticar o uso feito da Internet pelo governo, deve-se concentrar na forma, mais do que no conteúdo. Já foram mencionadas acima as restrições de manuseio de páginas compostas pelo portal do governo, as quais dificultam o pleno aproveitamento do recurso. Adicionalmente pode-se observar que alguns dos sites governamentais utilizam recursos avançados de páginas WWW, tais como animação com

Java ou "Flash", o que tende a onerar o tamanho e tempo de carga destas páginas, sem aumentar a informação disponível. Outra crítica que deve ser feita é da prática de usar documentos em formatos proprietários, tais como o DOC ou RTF (Rich Text Format) de Word da Microsoft, ou o PDF (Portable Document Format) da Adobe. O problema com estes formatos é que eles requerem software específico para sua visualização. No caso do PDF, a Adobe até criou versões gratuitas do seu Acrobat Reader para diversas plataformas diferentes. O mesmo não vale para os formatos usados por Word, e muitos usuários, especialmente de Linux, não teriam acesso a estes documentos. O correto seria usar formatos padronizados na Internet, tais como ASCII ou, melhor, ISO 8859-1 (Latin-1) para textos simples, e HTML para documentos estruturados, com uso de fonts variados e inclusão de imagens gráficas. O uso do HTML tem a vantagem que é simples ajustar o tamanho do font usado para visualizar o documento na tela, o que certamente facilita a vida de nós que temos problemas de vista. Caros webmasters, pede-se sua colaboração para tornar excelente o que já está bom.

Texto 4. Analfabetos e Analfabits (por *Silvio Meira*)

Esperam-se que qualquer pessoa, hoje, opere um caixa automático. Mas não era o que achavam os peões à minha frente na fila, cujo salário semanal, agora, vem em plástico e não mais em notas de Real. Bom para todo mundo? Pelo menos para a construtora, que não corre mais o risco de sucumbir à tocaia dos meliantes, só esperando chegar o salário da galera. Não sei se o pessoal da obra tinha sido treinado para operar o caixa do posto; dos quatro, só um sabia e comandava os outros. Teriam feito quase qualquer coisa que dissesse. Pelo pouco que observei, o que sabia do caixa vinha a ser o que entendia, mesmo, o diálogo da tela. Os outros não faziam idéia do que significava "você quer comprar o seguro um minuto?", e outras frases ameaçadoras. Isso se conseguissem ler o que estava escrito...

À minha frente, estavam, possivelmente, analfabits: gente que mal aprendeu a ler, sobrevive nos trabalhos quase desumanos e arriscados (pense num andaime, a 50 metros do chão...) que dependem de força física e coragem e que, de repente, tem parte essencial de sua vida tornada digital... Receber dinheiro às sextas, vira uma tortura. Ou vergonha.

Eram apenas exemplos dos milhões de analfabits do país e do mundo: dia destes vi, em Boston, uma das regiões mais ricas dos EUA gente indo ao caixa (humano)

porque não sabia usar o automático. Posso estar lendo pouco e sabendo menos ainda, mas não vejo grande movimento, por parte de quem deveria, para mudar ou melhorar a situação.

Governo, bancos, empregadores e sindicatos deveriam liderar megamovimentos de massa para, em tempo recorde, alfabetizar todo mundo, a sério. Alfabetizar não é nem saber escrever o nome, tampouco é ler Guimarães Rosa. É entender o manual de um instrumento que vai usado na obra, antes de fazer alguma besteira, é entender a "conversa" com o caixa automático.

Sabe ler quem não se deixa enganar nem pela baboseira do empregador nem pela do sindicato. Sabe ler quem, até não tendo o dom do discurso, tem idéias, as articula e contribui para o desenvolvimento da sociedade. Sabe ler quem sabe, na próxima eleição, em quem, por que e para que vai votar. O resto é analfabeto.

No mundo digital a coisa às vezes fica mais simples, outras vezes mais complexa. Dinheiro, aquele que sai do caixa automático, é virtual, sempre foi. Cada nota é a informação de que pode ser trocada por bens que tenham um valor menor ou igual ao dela. Se o bem vale menos que a nota, o vendedor lhe devolve outras notas, que são mais informação, e por aí vai.

Danado é que o cartão virtualiza o dinheiro de novo: ele contém a informação de que posso pegar mais informação no caixa, pra usar tal informação pra comprar uma caninha no bar da esquina, depois daquele dia no andaime...

E os cartões continuam avançando sobre a vida de quem nem sabe o que é real e virtual, para que serve a tarja magnética e o que ela armazena, muito menos o que são os cartões inteligentes que, breve, estarão em toda loja, banco, órgão público e catraca de ônibus. A fórceps, o povo vai sendo parido para a era da informação, à qual não há alternativa, acho.

Mas o método poderia ser mais gentil e, ao invés de compelido à era do conhecimento, o povo poderia estar sendo educado para ela. A Sociedade da Informação, no mundo todo, é para valer e só terão chance, nela, os cidadãos, instituições e países que estiverem preparados - ou seja, educados. Nós não estamos e não temos um programa para virmos a estar.

Da mesma forma que não ouvimos falar de um plano para treinar todos os que usam serviços digitais, de estudantes a peões, continuamos esperando um plano para que o acesso à Internet - associado ao treinamento para que dela se faça uso significativo - passe das talvez 500 cidades que têm um provedor, país afora, para, digamos, metade dos

municípios (cerca de 2.500), dentro de dois anos. É de metas deste tipo que o país precisa. Ou então, tanto quanto 3 entre 4 peões que não sabem o que é o seguro de um minuto, vai ficar sem saber o que é a Sociedade da Informação.

Texto 5. Repórteres sem fronteira, mundo com censura (Michael Stanton)

O Timor Leste foi invadido pela Indonésia em 1975 e anexado no ano seguinte. Há quem diga que pelo menos um terço da população foi eliminada. No começo deste ano, uma ação de hackers, com o estímulo e anuência de autoridades indonésias, invadiu o domínio .tp, do Timor Leste, que residia num provedor irlandês e calou o país virtual, na base da censura digital. Guerra é guerra. Na rede também. E dane-se a liberdade de expressão. No outro lado do mundo, o governo chinês, que vive num perigoso estado de animação suspensa, anda alistando hackers para "combater" fontes de informação on-line hostis ao regime de Beijing. Isso inclui, imagine só, a Falun Gong (www.falundafa.org), um grupo cujo único crime aparente é estar fora do controle do governo. A polícia da Internet, na China, atende pela alcunha de "Comitê Estatal para Identificação, Avaliação, Administração e Segurança de Informação". Não, não estamos precisando de nada disso por aqui.

Beijing, por sinal, controla o provimento de acesso à Internet no país e centenas de sites estão barrados nas portas de entrada, inclusive, por algum tempo, a vetusta BBC (news.bbc.co.uk), aparentemente pela insistência em reportar a verdade. A verdade é um problema universal e não poderia ser diferente na Internet: a liberdade de comunicação na rede tem nuances entre países e dentro de instituições, no mesmo país.

Na Internet cada um é um editor em potencial: usando os sites que nos deixam criar páginas ao nosso bel prazer, podemos publicar contra ou a favor de qualquer coisa, pessoa, país ou idéia. Se nada do que veiculamos ferir, de alguma forma, as leis universais que regem a convivência entre pessoas e populações, ninguém tem nada a ver com isso. A menos dos que baseiam seu poder na supressão das liberdades individuais, aí incluída, certamente, a de comunicação.

A princípio, pode parecer que somente o obscurantismo de ditaduras ou teocracias estaria disposto a barrar o fluxo de informação através da rede. A organização Repórteres Sem Fronteira (RSF, em www.calvacom.fr/rsf), um grupo de defesa da liberdade de expressão e comunicação, acaba de listar 45 países que controlam o acesso à rede. Destes, 20 ganharam o pouco auspicioso título de "inimigos da Internet". Os três que vão para o pódio

são a Coreia do Norte, Iraque e Líbia, onde o acesso à rede, simplesmente, não é permitido. Logo abaixo, há os países em que todo o tráfego passa por provedores controlados pelo Estado, como a Bielorrússia, Sudão e Tadjiquistão. Nenhum destes "líderes" é, exatamente, uma democracia.

Noutras plagas, aparentemente mais liberais, as coisas não são exatamente o que parecem. Na Arábia Saudita, há quase quarenta provedores de acesso, mas todo o tráfego passa por um site do governo, que filtra "toda informação contrária aos valores islâmicos". Ah, sim: para ser provedor, você tem que obter uma licença governamental. O que é pouco, considerando que na Birmânia todo microcomputador deve ser registrado com as autoridades federais, sob pena de 15 anos de prisão.

No Vietnã, abrir uma conta num provedor só é possível depois de obter uma autorização governamental, uma espécie de carteira de internauta, que só é dada a quem certos requisitos. Na Síria, o acesso é restrito a empresas e governo: os cidadãos estão fora da rede. E por aí vai... Nenhum destes países tem liberdade de informação e expressão em alta conta e, de certa forma, poderíamos esperar tais restrições.

O problema é que, aqui no Brasil, há empresas que vedam o acesso à rede no local de trabalho, dando um (só?) tiro no pé, pois a rede trabalha a favor da empresa, quando bem utilizada. E ali, nos EUA, é cada vez maior o número de empresas que filtra e analisa o correio eletrônico recebido e enviado por seus colaboradores, no mais das vezes com autorização. A comunicação é livre e a confidencialidade é zero: com todo o seu email grampeado, tudo pode ser interpretado contra você. O Brasil e os EUA não estão na lista da RSF, mas muitas de suas empresas deveriam estar.

Texto 6. Padaria é lugar de pão, leite e também Internet .

PopBanco, terminal instalado em vários estabelecimentos de SP, oferece acesso gratuito

Ir à padaria para acessar a Internet. Será que tem algo errado aí? A resposta é não. A idéia já é aceita como normal pelos clientes de várias padarias de São Paulo, que desde dezembro do ano passado podem ler e-mails e navegar na rede gratuitamente. Batizada de PopBanco, a iniciativa é da Netchash, em parceria com o Sindipan (Sindicato da Indústria de Panificação), a Caixa Econômica, a Net e a também a Telefônica Empresas.

Na primeira fase do projeto, cem terminais foram instalados na Grande São Paulo. De acordo com Mauro Motoryn, presidente da Netcash, entre os serviços que já estão sendo oferecidos pelo PopBanco estão o cadastramento e acesso a e-mail gratuito e serviços de consulta ao saldo e ao extrato do FGTS. "O usuário também pode consultar o cadastro do CPF no site da Receita Federal", diz.

"Os serviços também serão ampliados, sem data prevista, para produtos bancários, como abertura de contas de poupança, pagamento de contas e obtenção de empréstimos, mas sempre oferecendo acesso grátis à Internet", explica Motoryn.

As padarias que quiserem instalar o PopBanco devem ser sindicalizadas e precisam adquirir o terminal eletrônico, que custa R\$ 16,9 mil. Segundo Frederico Maia, presidente do Sindipan, cada padaria já possui cerca de 4 mil pessoas cadastradas nos terminais. "Esperamos conseguir difundir o projeto para outras padarias". A iniciativa começou a ser desenvolvida em São Paulo e, em breve, será estendida para outros Estados e talvez até mesmo para países da América Latina, México e Venezuela.

Atrativo - O proprietário da padaria Nova Original, Laerte Ventura, aprovou a idéia e possui um terminal instalado em seu estabelecimento. "A procura é bastante grande", afirma. Além disso, o terminal pode servir de atração para novos clientes porque, ao entrar na padaria, eles se deparam com uma máquina diferente ao lado das máquinas com refrigerante e outros produtos.

Um dos clientes da Nova Original que sempre reserva alguns minutos a mais para usar o PopBanco quando vai comprar pão e outros produtos na padaria é o pensionista Geraldo Pereira Filho, de 45 anos. Ele navega na Internet e também acessa o correio eletrônico. (C.G.).

Texto 7. Sala de aula high-tech dispensa lápis e papel

Cursos convencionais são substituídos por animações em 3D para ensinar os alunos

No lugar do giz e do quadro-negro, uma lousa digitalizadora, que digitaliza o que o professor escreve e envia imediatamente ao monitor do micro de cada aluno. Para entender o funcionamento da célula animal, por exemplo, é projetado um filme em 3D, com

objetos que "saltam" aos olhos do espectador. Pode não parecer, mas o ambiente descrito é de uma sala de aula da escola de ensino médio COC, que tem várias unidades pelo País.

Duas salas para exibição de animações educativas em terceira dimensão foram inauguradas, nas unidades Morumbi e Ribeirão Preto. "A nova tecnologia ajuda a compreender melhor a matéria", aprova a aluna do primeiro colegial, Roberta Gomes.

Seis softwares já foram desenvolvidos pela escola para oferecer aulas em 3D.

Durante a exibição, o professor tem no seu monitor um índice que o orienta onde fazer pausas para explicações mais detalhadas. "Nosso objetivo é motivar os alunos", diz Mário Ghio Júnior, coordenador pedagógico da unidade Morumbi.

Na Sala de Realidade Virtual, os alunos usam óculos especiais, que projetam um filme logo diante dos olhos da pessoa, "dentro" do próprio aparelho individual. Enquanto apresenta o filme, o professor pode interromper a exibição e mostrar o conteúdo do Caderno Digital de Apoio (CDA).

O caderno digital é um CD-ROM que tem todo o conteúdo dos livros do semestre, de todas as matérias, com a vantagem de oferecer recursos multimídia com interatividade. Todas as salas da escola estão equipadas com uma TV e um micro. Ghio garante que vale o investimento: "a aula fica mais descontraída e rende mais", diz.

Texto 8. Netmaníacos só vivem com o modem na veia

Seduzidos pela Internet, usuários chegam a ficar doentes sem a Web

A Internet já foi muito exaltada pelas vantagens que traz para o homem moderno: rompe com a barreira do espaço e do tempo, acumulando uma quantidade imensa de informação. No entanto, ao mesmo tempo, ela seduz e escraviza usuários, que passam horas hipnotizados pela rede e prejudicam suas relações pessoais e profissionais.

"Eu virava noites conectada, cheguei a passar 18 horas", conta a estudante Marly Caroline Ferreira, 21 anos. Há dois anos, ela teve de receber soro no hospital porque havia ficado sem comer por dois dias seguidos. Estava sentindo falta do seu computador, que estava em manutenção. "Eu era uma doente, mas dominei meu vício", comemora.

O estudante Rafael Fijalkovsky percebeu que estava usando o chat de forma exagerada em 99. "Estava deixando de lado os estudos e os amigos para ficar no bate-papo". Por isso, ele resolveu lutar contra o problema. Hoje não é mais dependente e criou o site Vircio (<http://www.vircio.org>), que auxilia aqueles que se sentem dominados pela Internet.

Os psicólogos estão atentos para o grande número de usuários que são dependentes da Internet, que se sentem prejudicados pelo "vício". Há serviços como o da clínica psicológica da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), que presta assistência a pessoas que são dependentes da Web.

Texto 9. Ingleses usam e-mail para paquerar durante expediente Sexta-feira, 17 de Agosto de 2001 - 16h33

Pesquisa realizada com 500 funcionários britânicos pela companhia de marketing eDesign.com.uk aponta que as empresas podem estar perdendo muito dinheiro pelo uso indevido do correio eletrônico. Vinte e sete por cento dos homens e 13% das mulheres entrevistadas confessaram que já usaram o correio eletrônico para paquerar durante o trabalho.

Segundo a MSNBC, fofocas sobre colegas são o segundo maior assunto para o qual os homens utilizam o e-mail durante o trabalho. O relatório aponta que as mulheres preferem utilizar o e-mail no escritório para planejar saídas com amigos, seguido por contatar família e, em terceiro lugar, fofocar sobre algum colega de trabalho.

Treze por cento dos homens e sete por cento das mulheres admitiram que enviam links de sexo por e-mail. Outros também encaminham piadas e currículos. De acordo com a eMMa, uma associação de e-mail marketing, as companhias estão perdendo muitas horas de trabalho com o uso indevido do correio eletrônico por parte dos funcionários.

Texto 10. PC caseiro pode achar ETs e cura do câncer

Tempo ocioso de milhões de micros pode ajudar no teste virtual de novas drogas
CIBELE GANDOLPHO

Imagine participar do primeiro contato de ETs de uma galáxia distante com os terráqueos. Ou então, sem entender nada de química ou biologia, ser o responsável pela

descoberta de uma droga que bloqueia o câncer. Isso pode parecer absurdo, mas para milhões de voluntários no mundo, essas são esperanças reais. Voluntários do projeto SETI@Home, desenvolvido pela Universidade da Califórnia, em Berkeley (EUA), passam madrugadas com seus computadores ligados, ruminando montanhas de dados capturados pelo radiotelescópio de Arecibo, garimpando sinais racionais emitidos por alguma outra civilização.

Outros milhares de internautas usam o tempo ocioso de seus micros rodando em segundo plano um programa que pretende testar 250 milhões de moléculas que podem ser ativas contra o câncer. Tais projetos são baseado na computação distribuída, onde grandes problemas matemáticos são quebrados em milhares de partes e enviados a usuários isolados pela Internet. Uma vez resolvido o "pacote" que recebeu, o voluntário o envia de volta à central e pega outro. Juntando minguiadas colaborações ao redor do mundo, o projeto SETI conseguiu em dois anos de funcionamento arrebatador nada que nos que 500 mil anos de anos de tempo de computação.

Um dos "candidatos" a ufólogo é João Paulo Ribeiro da Silva, usuário do SETI há seis meses. "Às vezes, deixo o micro ligado a madrugada toda para que o software possa analisar ondas. Se algum sinal estranho aparece na série de dados, o próprio programa envia um arquivo para a central para ser analisado posteriormente", diz.

O SETI nasceu com a finalidade de descobrir inteligência extraterrestre, procurando sinais de vida inteligente no espaço por meio de flutuações em sinais de rádio. Lançado em maio de 1999, o SETI começou a coletar dados do telescópio de rádio de Arecibo, em Porto Rico, considerado o maior telescópio do mundo. Diariamente, o telescópio gera 40 Gb de dados que são emitidos para os computadores. Trata-se de uma antena com dezenas de metros de diâmetro sintonizada perto de 1,44 GHz, frequência natural de oscilação da molécula de hidrogênio (H₂).

Assim, supõe-se que, se existir civilização extraterrestre, eles também devem usar água (H₂O) e, portanto, teriam essa frequência como ponto de referência. Para entrar em contato com outras civilizações que usem água, nada mais natural, pensam, usar emissões nessa frequência como forma de dizer, "vejam, também conhecemos a água..." O que é captado vai para fitas magnéticas e é separado em 256 bandas de aproximadamente 10 KHz e em blocos de 126 segundos. Parte disso é analisado pelo próprio SETI e outra, pelos voluntários.

Como o projeto começou a receber mais Terabytes do que os computadores da universidade podiam processar, os organizadores do trabalho partiram em busca de voluntários, convidando usuários de Internet para fazer o download do SETI@Home e doar o tempo ocioso de seus computadores.

O programa é um protetor de tela que utiliza o tempo ocioso do micro. Para rodar softwares como o SETI não é necessário estar conectado na Internet o tempo todo. A rede só usada para baixar o software e fazer as atualizações e envio e recebimento de dados. O screen saver do SETI roda com a Internet offline.

Idéia começou surgiu nos anos 70 nos EUA

Em 1973, o centro de pesquisas da Xerox instalou uma rede para conectar os usuários

Apesar de muitos institutos de pesquisa estarem começando a utilizar a computação distribuída agora, a idéia não é nova. Nos anos 70, quando os computadores começaram a serem ligados em rede, nasceu a concepção de que o tempo ocioso dos computadores poderia ser utilizado para alguma coisa. Algumas experiências começaram a surgir, como é o caso dos programas Creeper e Reaper e ainda o que deu origem à Internet, o ARPAnet.

Em 1973, o centro de pesquisa da Xerox, em Palo Alto (EUA), instalou a primeira rede Ethernet para cruzar 100 computadores conectados à rede. Os organizadores do projeto, os cientistas John Shoch e Jon Hupp, começaram a distribuir imagens gráficas e compartilharam gráficos mais realistas. Em outro projeto, Richard Crandall, um cientista da Apple, instalou um software que permitiu que várias máquinas, em seu tempo ocioso, executassem analisassem dados e combinassem informações com outros computadores. O seu software, Zilla procura, processa e testava grandes números primos, mas acabou servindo para testes de encriptação da NeXT Computers. Em 1991, o Zilla ganhou o prêmio de ciência da Computerworld Smithsonian.

Estudos recentes relatam que existem no mundo aproximadamente um bilhão de computadores pessoais conectados à Internet com velocidade média de 500 MHz. Com o avanço contínuo dos padrões de rede e banda larga, os pesquisadores acreditam que o

número de voluntários de computação distribuída deva crescer consideravelmente nos próximos anos, uma feliz notícia para os projetos de pesquisa e tecnologia. (C.G.).

Outras pesquisas apontam para a saúde

Nem só de ETs vive a tecnologia; há projetos sobre genoma, Aids e a cura do câncer.

FightAIDS tenta aumentar a resistência dos medicamentos contra a doença

Nem só de ETs que vive a computação distribuída. Muitos projetos têm utilizado a tecnologia para testar novas drogas na área da medicina. Um exemplo é um projeto lançado no mês passado pela Universidade de Oxford, da Inglaterra, e da empresa de tecnologia norte-americana United Devices, financiado pela Intel. O objetivo dos pesquisadores é acelerar as pesquisas de novos medicamentos contra o câncer.

O estudo pretende usar a ociosidade dos computadores pessoais para processar informações sobre moléculas que teoricamente poderiam combater o câncer. A universidade acredita que os usuários de computadores do mundo utilizam apenas 20% da capacidade disponíveis no PC. Assim, pretende-se analisar cerca de 250 milhões de moléculas por meio da computação distribuída.

Em um comunicado oficial, a Universidade de Oxford disse que "a ampla dimensão do projeto e as capacidades de energia e computação exigidas seriam impossíveis de serem alcançadas sem esse método. Mesmo usando um supercomputador, um pesquisador não poderia esperar para ver um projeto como esse concluído durante a sua vida".

Os pesquisadores da Oxford estimam que um milhão de pessoas vão participar do programa pelo menos uma vez, o que poderá concluir a análise de 250 milhões de moléculas em um ano. O pacote inicial da universidade contém 100 moléculas. Os voluntários estarão recebendo esse pacote, além do software Think e modelos de proteínas-alvo conhecidas por estarem envolvidas no desenvolvimento do câncer no corpo humano.

O desenvolvedor do Think, Keith Davies, revelou que o software somado à computação distribuída pode acelerar os estudos sobre a doença em dois anos. "Se descobríssemos uma droga que inibisse o desenvolvimento de vasos sanguíneos seria uma

grande descoberta, especialmente os casos de tratamento secundário, de pacientes que não respondem à radioterapia”.

E completa: "Isso dá a todas as pessoas com um PC a chance de ajudar quem está doente e não custa nada”.Segundo a universidade, uma em cada quatro pessoas em todo o mundo desenvolve alguma forma de câncer. Assim, quase toda a população do planeta terá um parente, amigo ou vizinho que sofreu ou está sofrendo com a doença.Os interessados em participar do projeto da Universidade de Oxford podem baixar o download no site da United Devices (<http://www.ud.com>).

Aids - Outro projeto estrangeiro de computação distribuída é o FightAIDS@home, um trabalho contra a Aids da Entropia, que fornece o software, e do laboratório Olson, do Departamento de Biologia Molecular do Instituto de Pesquisas Scripps, na Califórnia (EUA). Com ele, os pesquisadores do projeto e cientistas buscam um sistema para modelar a evolução da resistência da droga contra a Aids e projetar medicamentos anti-HIV necessárias para frear a doença. Para participar, o site do FightAIDS é <http://www.fightaid.sathome.org>.

Para descobrir a estrutura do genoma humano, outro projeto que utiliza computação distribuída está em andamento. É o Folding@Home, promovido pela Universidade de Stanford, que tem como objetivo saber como são "dobradas" as proteínas codificadas pelo DNA. Se uma proteína é dobrada de forma errada, ela pode se tornar inativa ou então induzir o câncer.

O Folding pretende descobrir porque essas dobras são feitas de forma errada. Muitos cientistas já conseguem prever, por meio do DNA, se um bebê que ainda está dentro da barriga da mãe está propenso a desenvolver alguma doença no futuro.

Um dos voluntários do projeto Folding@Home é o norte-americano David Kwiatkowski, de 21 anos, que mora no Colorado (EUA) e é estudante de engenharia mecânica. Em entrevista ao Informática, David se diz um admirador de ciências em geral e se interessou pelo projeto de descobrimento da estrutura do genoma. "Por haver ainda poucos voluntários, resolvi aderir ao projeto. Já fui voluntário do SETI@Home há um ano e é bom saber que posso colaborar para uma pesquisa tão importante", conta.

"Apesar de genética e biologia não ser o meu forte, prefiro engenharia mecânica, o assunto me fascina. Resolvi somar isso ao fato de entender bastante de informática. Desisti do SETI porque procurar extraterrestres ainda nos parece algo muito distante e achei o software muito lento. No caso do Folding, posso ajudar os cientistas a salvarem vidas no futuro, apenas cedendo o tempo ocioso do meu computador", ressalta David. O site do projeto, que traz o download do software, é <http://foldingathome.stanford.edu>. (C.G.).

Anexo 2

QUESTIONÁRIO

1. Que programas você executa? Indicar aqueles que você tem mais afinidade para manusear e aqueles que você tem mais dificuldade.
2. Qual a utilidade do computador para você?
3. Você acessa a Internet?
4. Quais são as facilidades da Internet e quais as dificuldades?
5. Possui algum problema em relação à compreensão de termos ou expressões técnicas ao utilizar o computador ou algum de seus programas? quais?
6. Você sabe o significado dos termos que geralmente circulam no meio técnico da informática?
7. Você envia mensagens pelo computador?
8. Que termo você prefere utilizar ao enviar mensagens: e-mail ou correio eletrônico?
9. Você faz download com frequência?
10. Qual sua opinião em relação a termos em inglês que aparecem na linguagem da informática? Vc sabe o que eles significam ou a que eles se referem? Cite exemplos
11. Você poderia explicar a alguma pessoa como acessa a Internet ou como se executa algum programa?

Autorizo a reprodução deste trabalho

Valdete A. Xavier de Macedo